



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

LAURA LUZIETTI GUITEL

**CONTRIBUIÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA *ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E
ESCRITA* DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)
PARA O CAMPO DA ALFABETIZAÇÃO EM UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-
CULTURAL E POLÍTICA**

FLORIANÓPOLIS

2022

LAURA LUZIETTI GUITEL

**CONTRIBUIÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA *ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E
ESCRITA* DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)
PARA O CAMPO DA ALFABETIZAÇÃO EM UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-
CULTURAL E POLÍTICA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da
Universidade Federal de Santa Catarina como requisito
para a obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Lapa de
Aguiar

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Guitel, Laura. Contribuições do grupo de pesquisa *Alfabetização, Leitura e Escrita* da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) para o campo da alfabetização em uma abordagem histórico-cultural e política / Laura Guitel; orientadora, Maria Aparecida Lapa de Aguiar, 2022. 87 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Alfabetização. 3. Perspectiva histórico-cultural. 4. Teoria Enunciativa. 5. Políticas de alfabetização. I. Lapa de Aguiar, Maria Aparecida. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título

Laura Luzietti Guitel

**CONTRIBUIÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA *ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA* DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)
PARA O CAMPO DA ALFABETIZAÇÃO EM UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL E POLÍTICA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciada em Pedagogia” e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 8 de Março de 2022.

Profª. Dra. Patrícia de Moraes Lima (MEN/CED/UFSC)
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Maria Aparecida Lapa de Aguiar (EED/CED/UFSC)
Orientadora

Profª. Dra. Márcia de Souza Hobold (MEN/CED/UFSC)
Titular

Profª. Me. Regina Maria da Silva Delduque (Rede Municipal de Balneário Camboriú)
Titular

Profª. Dra. Carolina Ribeiro Cardoso da Silva (MEN/CED/UFSC)
Suplente

À minha amada mãe Noeli por sempre me dar o melhor de si.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela saúde ao vivenciar um período pandêmico tão difícil e também pelo fôlego para escrever este TCC.

À minha amada mãe do coração, Noeli, por todo suporte e carinho ao longo de toda minha vida para que eu pudesse concluir essa etapa tão importante.

Ao meu amado marido e companheiro, Gabriel, por ser um grande incentivador dos meus sonhos e sempre acreditar em mim.

Aos meus pais, Rúbia e Anderson, por terem me gerado e apoiado com muito amor em todos os momentos.

Aos meus tios, Rodrigo e Loiva, por estarem presentes em todos os momentos marcantes. Obrigada por me presentear com dois meninos tão especiais que me ensinam e me fazem encantar ainda mais pela educação. Lucas e Arthur, eu amo vocês.

À minha grande colega e amiga, Beatriz, com quem dividi a graduação e pude vivenciar e compartilhar muitos momentos, que alegria para mim é chegarmos juntas até aqui.

Às minhas amadas amigas, Camila e Larissa, que sempre me apoiaram em minhas escolhas e estão ao meu lado a longos e felizes anos.

As professoras, Márcia, Regina e Carol, que receberam e aceitaram com alegria o convite de fazerem parte da banca examinadora desta pesquisa. Gratidão e admiração por vocês, professoras queridas e inspiradoras.

Em especial, à minha querida e amada professora, Cida, com quem trilhei uma linda jornada acadêmica, agradeço imensamente pela grande contribuição em minha formação, sem você este trabalho não seria possível. Você é especial.

A todos(as) os(as) professores(as) que de alguma forma me tocaram ao longo da minha jornada de escolarização e aos(as) professores(as) do Centro de Ciências da Educação, que contribuíram com suas reflexões e conhecimentos para que eu me tornasse a professora que sou e hei de ser.

Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.

Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.

Antoine de Saint – Exupéry, 1943.

O pequeno príncipe.

RESUMO

Este trabalho de caráter bibliográfico teve como objetivo geral aprofundar os conhecimentos em torno das produções de livros e artigos da professora Dra. Cláudia Maria Gontijo, bem como, das produções de teses e dissertações por ela orientadas na condição de coordenadora do grupo de pesquisa *Alfabetização, Leitura e Escrita*, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Foram mapeadas as produções da professora Cláudia Gontijo no recorte temporal de 2000-2021, aprofundando os últimos 5 artigos e 3 livros escolhidos a fim de fazer uma aproximação dos principais conceitos/princípios teórico-metodológicos relacionados a uma compreensão de alfabetização que considera a linguagem como interação humana e como processo discursivo. Também foram analisados 14 resumos de trabalhos por ela orientados, sendo 3 dissertações e 11 teses do período de 2013-2021 (9 anos). Organizaram-se para o desenvolvimento desse trabalho quatro capítulos. O primeiro apresenta uma parte introdutória que situa o contexto da pesquisa e sua vinculação a duas pesquisas desenvolvidas pela professora Maria Aparecida Lapa de Aguiar, da Universidade Federal de Santa Catarina, da qual participei como Bolsista PIBIC. O segundo capítulo apresenta o caminho metodológico construído para o desenvolvimento da pesquisa. O terceiro capítulo traz as produções da profa. Cláudia Gontijo e o aprofundamento das obras escolhidas. O quarto capítulo apresenta a análise dos resumos das respectivas teses e dissertações orientadas pela professora Gontijo. De acordo com as análises, conclui-se que a professora Cláudia Gontijo e o grupo de pesquisa por ela coordenado têm como principal referencial teórico a teoria enunciativa de Bakhtin e a perspectiva histórico-cultural de Vigotski. Partindo da compreensão de que somos sujeitos sociais e históricos, constituídos e produtores da história, Gontijo e seus orientandos aprofundam a temática da alfabetização a partir de uma abordagem histórica e política atuando principalmente nos seguintes temas: alfabetização, políticas de alfabetização, história da alfabetização de crianças e a partir dessas temáticas trazem importantes reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, os currículos, as perspectivas de alfabetização e as políticas públicas.

Palavras-chave: Alfabetização; Teoria enunciativa; Perspectiva histórico-cultural; Políticas de alfabetização.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– (Anexo 1) – Relação de artigos da profa. Dra. Cláudia Gontijo publicados no recorte temporal de 2000/2021.....	66
Quadro 2–(Anexo 2) – Relação de livros da Profa. Dra. Cláudia Gontijo publicados no recorte temporal de 2000/2021.....	69
Quadro 3– (Anexo 3) –Relação de capítulos de livros da profa. Dra. Cláudia Gontijo publicados no recorte temporal de 2000/2021.....	70
Quadro 4– Relação de livros e artigos da Profa. Dra. Cláudia Gontijo escolhidos para aprofundamento.....	19
Quadro 5–(Anexo 4) – Autores, títulos e resumos de dissertações e teses do grupo de pesquisa <i>Alfabetização, Leitura e Escrita</i> , coordenado pela profa. Dra. Cláudia Gontijo.....	72
Quadro 6– Conceitos e autores que fundamentaram as pesquisas do grupo <i>Alfabetização, Leitura e Escrita</i>	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum curricular
CEDAC	Comunidade Educativa
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONBALF	Congresso Brasileiro de Alfabetização
FOPPE	Formação de Professores e Práticas de Ensino
GT	Grupo de Trabalho
IAB	Instituto Alfa e Beto
IBICIT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
MEC	Ministério da Educação
NADE	Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos
ONU	Organização das Nações Unidas
PAEBES-Alfa Alfabetização	Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo – Alfabetização
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PNA	Política Nacional de Alfabetização
PPE	Projeto Principal de Educação para a América Latina e Caribe
SIC	Seminário de Iniciação Científica
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UNESCO	Órgão das Nações Unidas
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CAMINHO METODOLÓGICO	15
3	LEVANTAMENTO DAS PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS DA PROFESSORA CLÁUDIA GONTIJO	18
3.1	APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS E LIVROS DA PROFA. CLÁUDIA GONTIJO ESCOLHIDOS PARA APROFUNDAMENTO	19
3.2	APROFUNDAMENTO DOS ARTIGOS DA PROFA. CLÁUDIA GONTIJO .	21
3.3	APROFUNDAMENTO DOS LIVROS DA PROFA. CLÁUDIA GONTIJO.....	32
4	CONTRIBUIÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA “ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA” (UFES).....	45
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
	REFERÊNCIAS.....	59
	ANEXO(S).....	66

1. INTRODUÇÃO

Início o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), trazendo um pouco da minha trajetória acadêmica e do surgimento do meu interesse pela área da alfabetização¹. Em 2018 cursei uma disciplina do Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos (NADE), oferecido pela professora Maria Aparecida Lapa de Aguiar intitulado *Alfabetização na perspectiva do letramento*.

Naquela ocasião, a professora sinalizou para a necessidade de uma nova bolsista para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), para se engajar na pesquisa iniciada em 2017. A bolsista PIBIC Patrícia Amorim, que ocupava aquele lugar, havia acabado de apresentar seu TCC na temática da alfabetização a partir de um recorte da pesquisa da professora, no qual ela investigou o grupo de pesquisa *Linguagem, Cultura e Práticas Educativas* da Universidade Federal Fluminense (UFF/Niterói/RJ). A partir da análise dos resumos das respectivas teses e dissertações do grupo (2013 – 2018), concluiu que a sua principal referência teórica era a teoria enunciativa de Bakhtin, defendendo a alfabetização em uma perspectiva discursiva.

Já neste momento, com meu interesse pela área da alfabetização aguçado e entendendo este processo inicial de aprendizagem da língua escrita como sendo muito importante e complexo na vida da criança e, indo além, para o professor iniciante, julguei fundamental e de grande valia me aproximar da pesquisa da professora Cida² e aceitar o convite feito por ela. Com o intuito de aprofundar a temática que até então, na 3ª fase do curso de pedagogia, para mim era um conhecimento muito superficial, vi uma oportunidade de me aprofundar no assunto.

Tive a possibilidade de conhecer e me engajar no projeto de pesquisa da professora, pude fazer a leitura do Trabalho de Conclusão de Curso de Amorim (2018), pude contribuir

¹ Escolhi utilizar a 1ª pessoa do singular na primeira parte desse TCC por compreender que se trata de memórias e reflexões da minha própria trajetória acadêmica. No decorrer do processo, passei a utilizar a 1ª pessoa do plural por se tratar de um trabalho elaborado em parceria.

² O nome Cida na escrita deste trabalho refere-se a professora orientadora Maria Aparecida Lapa de Aguiar. Esse é um apelido carinhoso que estudantes a chamam, tanto na graduação e pós-graduação. Por nossa trajetória de trabalho e relação afetiva constituída ao longo dos anos, vou me referir a ela assim em alguns momentos do texto.

para a continuidade da pesquisa e todo este movimento favoreceu também para que eu vislumbrasse a possibilidade de elaboração do meu próprio TCC.

Desse modo iniciei minha trajetória como bolsista PIBIC da professora Cida, em Dezembro de 2018, em que vivenciei os períodos: de 2018-2019, 2019-2020, 2020-2021 e iniciei um novo ciclo em outra pesquisa correlacionada no período 2021-2022. No decorrer destes anos dedicados à bolsa PIBIC, comecei a participar do grupo de pesquisa *Formação de Professores e Práticas de Ensino* (FOPPE), coordenado pelas professoras Márcia Hobold e Maria Aparecida L. de Aguiar, produzi relatórios para o PIBIC e participei dos Seminários de Iniciação Científica e Tecnológica (SIC), anualmente, e em conjunto com a professora, inscrevemos e tivemos aprovado um Trabalho que foi apresentado no V Congresso Brasileiro de Alfabetização (V CONBALF³).

Além disso, formamos um grupo de estudo coordenado professora Cida e suas orientandas de PIBIC e Mestrado⁴, que nos permitiu ampliar repertórios e fazer reflexões sobre a temática da alfabetização. A partir da aproximação da professora com o grupo de pesquisa *Linguagem, Cultura e Práticas Educativas*, coordenado pela professora Cecília Maria Aldigueri Goulart, uma importante autora e referência para as discussões em torno da alfabetização, e, motivadas pelo desejo de ampliar as discussões que tínhamos dentro do nosso grupo de estudo, a professora Cida criou um projeto de extensão em 2021, intitulado *Leituras de aprofundamento sobre a abordagem discursiva de alfabetização*, para o qual escolhemos a obra *Alfabetização e Discurso: dilemas e caminhos metodológicos* (GOULART et. al.; 2019) organizado pelo referido grupo de pesquisa da UFF. Esse projeto intencionou aprofundar, por meio de leituras dirigidas, os princípios, conceitos e concepções da abordagem discursiva de alfabetização, organizado em encontros mensais de discussão e reflexão em conjunto com professores(as) de diferentes redes e também estudantes da graduação.

Com base nos apontamentos iniciais e desejo de aprofundar a temática da alfabetização, meu Trabalho de Conclusão de Curso está articulado às pesquisas da professora Maria Aparecida Lapa de Aguiar, intituladas, respectivamente: *O estado do conhecimento*

³ O trabalho apresentado no V CONBALF intitula-se “TENDÊNCIAS TEÓRICAS PARA A ALFABETIZAÇÃO NAS REPERCUSSÕES DOS GRUPOS DE PESQUISA NO DIRETÓRIO BRASIL/LATTES”.

⁴ Ao longo da minha trajetória no PIBIC, convivi com outras estudantes orientadas pela professora Cida no Mestrado. Na 1ª pesquisa mencionada, elas tiveram uma importante contribuição na organização e elaboração dos dados. São elas: Anésia Maria Martins Furtado, Camila Besen, Grasiela de Oliveira Darski, Luciany Ferreira Felício Moraes de Souza e Regina Maria da Silva Delduque.

sobre a alfabetização nos grupos de pesquisa certificados no portal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que iniciou em 2017 e finalizou em 2021, do qual fui bolsista PIBIC desde o final de 2018 e da atual pesquisa da professora *Aprofundamento teórico-metodológico para a alfabetização em uma abordagem discursiva* iniciada em 2021.

A primeira pesquisa mencionada tinha por objetivo geral aprofundar a temática alfabetização, por meio do estado do conhecimento nos grupos de pesquisa certificados no portal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na busca de identificar a ancoragem teórica que os sustentam. Como objetivos específicos, a pesquisa se propusera a: mapear os grupos de pesquisa voltados para a alfabetização nos anos iniciais certificados no portal do CNPq e verificar, por meio do acesso a resumos de teses e dissertações, quais são os grupos que pesquisam a alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental que se identificam com os pressupostos da perspectiva histórico-cultural e com abordagem discursiva de linguagem.

A pesquisa atual da professora e à qual também estou vinculada, objetiva aprofundar uma abordagem de alfabetização que contribua para o processo de humanização, tomando como base de análise as produções advindas de três autoras que se pautam principalmente no referencial teórico de Bakhtin e Vigotski, a saber: Ana Luiza Smolka, Cecília M. A. Goulart e Cláudia Maria Gontijo, que são consideradas expoentes no que diz respeito a uma compreensão de alfabetização que considera a linguagem como interação humana e como processo discursivo. A escolha por esses nomes é decorrente de pesquisa realizada anteriormente (2017-2021).

A partir desse contexto sobre as pesquisas realizadas no PIBIC, para o meu TCC propomo-nos a fazer uma revisão bibliográfica a partir de um levantamento das produções de livros e artigos publicados pela professora Cláudia Maria Gontijo e também analisar as temáticas abordadas nos resumos de teses e dissertações do grupo de pesquisa que ela coordena *Alfabetização, Leitura e Escrita* da universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Buscaremos identificar os principais conceitos relacionados a uma compreensão de alfabetização que considera a linguagem como interação humana e como processo discursivo, tecendo reflexões com a intencionalidade que este trabalho contribua para minha formação docente, visto a importância da temática para a educação e as tendências teóricas que nela orbitam.

Assim, meu trabalho além de ser para a conclusão do curso, será também para contribuir na pesquisa maior da professora orientadora Maria Aparecida Lapa de Aguiar que está em andamento. Diante da relevância da temática e na intenção de conhecer pesquisas que abordem perspectivas teóricas e metodológicas ancoradas em uma compreensão de alfabetização que considera a linguagem como interação humana e como processo discursivo, lançamos a seguinte **questão norteadora**: Quais as contribuições que as produções e orientações da professora Dra. Cláudia Maria Mendes Gontijo, coordenadora do grupo de pesquisa *Alfabetização, Leitura e Escrita* da universidade Federal do Espírito Santo, têm oferecido para pensar a alfabetização no contexto educacional brasileiro?

Desse modo, delineamos como **Objetivo Geral**: Aprofundar conhecimentos em torno das produções de livros e artigos da professora Dra. Cláudia Maria Gontijo, bem como, das produções de teses e dissertações por ela orientadas em seu grupo de pesquisa *Alfabetização, Leitura e Escrita*, da Universidade Federal do Espírito Santo.

E como **Objetivos Específicos**:

- Mapear as publicações de livros e artigos da autora no recorte temporal de 2000 – 2021.

- Fazer uma aproximação dos principais conceitos/princípios teórico-metodológicos relacionados a uma compreensão de alfabetização que considera a linguagem como interação humana e como processo discursivo.

- Mapear as produções de teses e dissertações realizadas pelo grupo de pesquisa *Alfabetização, Leitura e Escrita* da universidade Federal do Espírito Santo no período de 2013 a 2021 e orientadas por Cláudia Gontijo

- Analisar os resumos decorrentes dessa produção.

Para tanto, esse trabalho foi organizado em outros três capítulos. O segundo busca indicar o caminho metodológico construído em conjunto com a professora para encontrarmos as informações e bibliografias para pesquisa. No terceiro capítulo apresenta-se o levantamento dos livros e artigos produzidos pela professora Cláudia Gontijo e o aprofundamento em algumas dessas publicações. Já no quarto capítulo deste trabalho será apresentado o levantamento e a análise das produções do grupo de pesquisa, a partir dos resumos das teses e dissertações orientadas pela Cláudia Gontijo no recorte temporal 2013 – 2021 e teceremos algumas considerações finais.

2. CAMINHO METODOLÓGICO

Esta pesquisa, cujo foco são as contribuições do grupo de pesquisa *Alfabetização, Leitura e Escrita*, coordenado pela professora Dra. Cláudia Gontijo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) para o campo da alfabetização em uma abordagem histórica e política é decorrente de duas pesquisas coordenadas pela orientadora entre 2017/2021 e 2021/2023 conforme já mencionado na introdução.

A pesquisa realizada para este trabalho caracteriza-se como bibliográfica, uma vez que “é desenvolvida com base em material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2009, p.44). Neste trabalho, como aponta Severino (2014) os textos são as fontes do tema a ser pesquisado e terá como base as contribuições de Cláudia Gontijo em suas produções de livros e artigos e em suas orientações de dissertações e teses.

Para realizar o mapeamento bibliográfico da professora Cláudia Gontijo, bem como, da produção do grupo de pesquisa por ela coordenado, utilizei como ferramenta a plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/Brasil Lattes. A Plataforma Lattes é uma ferramenta que facilita o acesso aos grupos de pesquisa científica e tecnológica em atividade no Brasil, bem como de seus(suas) participantes e também facilita encontrar o currículo de trabalho e as produções dos(das) pesquisadores(as). Essa plataforma foi utilizada como base para realização das pesquisas da professora Cida, tanto para encontrar os grupos de pesquisa voltados para alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental, quanto para pesquisar as produções das professoras descritas.

O caminho metodológico utilizado foi construído em conjunto com a professora Cida durante o desenvolvimento das pesquisas no PIBIC, por meio de um mapeamento dos grupos de pesquisa com base nos descritores *alfabetização* e *linguagem* a partir do *link Buscar grupos* no diretório do portal CNPq, na procura pelos grupos e seus líderes; assinalando o status atualizado e líder; utilizando ainda como filtros as Grandes Áreas das Ciências Humanas (na área específica da Educação) e Linguística, Artes e Letras (nas áreas específicas de letras e linguística).

Com os resultados encontrados com base nessa busca, procedeu-se a organização de quadros com o nome de tais grupos, seus líderes, área de predominância e instituição e depois houve um refinamento com apenas os grupos voltados para alfabetização e nessa etapa da

pesquisa o grupo *Alfabetização, Leitura e Escrita* entrou como um dos grupos de interesse, pois está voltado para a alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental.

Foi a partir do Diretório dos Grupos de Pesquisa, pela busca realizada na condição de bolsista PIBIC, que chegamos ao grupo *Alfabetização, Leitura e Escrita* da Universidade Federal do Espírito Santo e ao currículo lattes da sua coordenadora (líder) Claudia Maria Mendes Gontijo. Vale destacar que tanto as produções da professora Cláudia Gontijo, quanto de seu grupo de pesquisa, já eram conhecidas pela professora Cida por sua grande relevância para área da alfabetização, portanto, integram as duas pesquisas mencionadas e se articulam ao meu TCC.

Assim, por meio do Currículo Lattes da professora que se encontra atualizado, foi possível acessar o histórico de suas publicações no recorte de tempo delimitado, 2000 – 2021 e suas orientações de teses e doutorado de 2013 – 2021. Os recortes temporais estabelecidos estão relacionados às pesquisas desenvolvidas no PIBIC, e o recorte das orientações realizadas pela professora Cláudia Gontijo foi ampliado, visto que durante a pesquisa da professora Cida o recorte temporal era de 2013 – 2018, período até então atual que buscava as produções dos últimos 6 anos.

Por esses caminhos apontados, foi possível ter acesso a várias informações do referente grupo, como seu ano de criação, 2006, inclusive sobre os seus participantes e sua única linha de pesquisa intitulada: *Educação e Linguagens* que tem como objetivo pesquisar a alfabetização, leitura e escrita, com ênfase nos processos de ensino e aprendizagem, a história da alfabetização e da leitura e as políticas de alfabetização.

Diante dessas informações, resolvemos escolher para análise as produções e os resumos das teses e dissertações orientadas pela Profª. Cláudia Maria Gontijo, coordenadora (líder) do grupo, pois partimos do pressuposto que todos(as) estes(as) orientandos(as) participam ou participaram, durante sua formação, do grupo de pesquisa *Alfabetização, Leitura e Escrita*, caracterizando-se assim como produções deste grupo.

Entramos no Currículo Lattes da Professora Dra. Cláudia Gontijo na parte de suas produções e foram encontrados 33 artigos, 8 livros e 11 capítulos de livros publicados dentro do recorte de 2000 – 2021. Diante do volume de produções e da falta de tempo hábil para leitura e aprofundamento de todos estes trabalhos, decidimos delimitar o aprofundamento de algumas obras a fim de conhecer o embasamento teórico utilizado por esta autora e as tendências políticas de alfabetização. Sendo assim foram escolhidos três livros (2002, 2003,

2014) e os últimos cinco artigos publicados, utilizando como critério a atualidade e os discursos presentes em torno da alfabetização.

Na busca pelas orientações, seguindo o recorte estabelecido de 2013 a 2021, foram encontrados 17 trabalhos, sendo 13 teses e 4 dissertações. Em vista da importância de uma reflexão acerca dos conceitos presentes nos resumos, no quarto capítulo será explicitado a análise dos dados relacionados ao tema da alfabetização.

3. LEVANTAMENTO DAS PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS DA PROFESSORA CLÁUDIA GONTIJO

A pesquisa proposta, como já salientamos na introdução tem como objetivos específicos: mapear as publicações de livros e artigos de Cláudia Gontijo no recorte temporal de 2000/2021; fazer uma aproximação dos principais conceitos/princípios teórico-metodológicos relacionados a uma compreensão de alfabetização que considera a linguagem como interação humana e como processo discursivo e mapear as produções de teses e dissertações realizadas no âmbito do grupo de pesquisa *Alfabetização, Leitura e Escrita* da universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação da mesma professora, no período de 2013 a 2021 e analisar os resumos decorrentes dessa produção.

Esse capítulo está articulado à pesquisa atual da professora Cida que objetiva aprofundar uma abordagem de alfabetização que contribua para o processo de humanização, pois parte da necessidade de refletirmos sobre a alfabetização e de aprofundarmos as tendências teóricas para essa área e suas implicações nos processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. Além disso, é fundamental que façamos reflexões a partir de bases que assegurem este processo, reconhecendo as crianças como seres sociais que estão inseridos em práticas de leitura e escrita.

Como já mencionado, essa autora é considerada uma das expoentes no que entendemos sobre uma compreensão de alfabetização que considera a linguagem como interação humana e como processo discursivo.

A partir da pesquisa realizada foram encontradas um total de 52 produções publicadas no período de 2000/ 2021, sendo 33 artigos, 8 livros e 11 capítulos de livros. Para apresentar os achados da pesquisa, foram organizados quadros separados em artigos, livros e capítulos de livros, onde as produções estão organizadas por ano de publicação. Cabe salientar que também foram consideradas as publicações em parceria com outros(as) pesquisadores(as). (Conferir os quadros 1,2 e 3 nos anexos).

3.1 APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS E LIVROS DA PROFA. CLÁUDIA GONTIJO ESCOLHIDOS PARA APROFUNDAMENTO

A professora Dra. Cláudia Gontijo tem uma quantidade expressiva de produções dentro do recorte estabelecido e visto que não haveria tempo hábil para um aprofundamento de todos esses trabalhos no período de realização do TCC, foram escolhidos três livros (2002, 2003, 2014) e os últimos cinco artigos, produzidos pela professora para um aprofundamento, em que buscaremos quais as principais temáticas e autores com quem dialoga e também os principais princípios teórico-metodológicos presentes em suas produções.

Apresentamos a seguir um quadro que sintetiza as principais temáticas e autores de referência para Cláudia Gontijo, de acordo com os artigos e livros selecionados. Após, aprofundamos cada um desses trabalhos a fim de fazer uma aproximação dos principais conceitos que a autora traz em suas produções.

Quadro 4: Relação de livros e artigos da Profa. Dra. Cláudia Gontijo escolhidos para aprofundamento.

Artigos	Principais Temáticas	Principais Autores
GONTIJO, C. M. M.; SILVA, D. C. Ações adotadas no Espírito Santo para vencer a repetência nas classes de alfabetização (1960-1970). REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO , v. 24, p. 1-22, 2019.	-História da Alfabetização no Espírito Santo. Avaliação e classificação. Índice de aprovação. Turmas homogêneas. Teoria Enunciativa de Bakhtin. Conceito de Valor estético em Bakhtin. Conceito de Inacabamento em Bakhtin.	Mikhail Bakhtin Volochinov Cancionila Janzkovski Cardoso Maria do Rosário Mortatti Larissa Mendes Gontijo Dornfeld
SILVA, D. C. ; GONTIJO, C. M. M. Proposta curricular e avaliação da alfabetização no Espírito Santo. LINHAS CRÍTICAS (ONLINE) , v. 26, p. 1-19, 2020.	- Proposta Curricular implementada no Espírito Santo na década de 1960. Currículo e Alfabetização. Avaliação da alfabetização. Concepção bakhtiniana de linguagem.	Mikhail Bakhtin Michael W. Apple Otaíza Romanelli
GONTIJO, Cláudia Maria Mendes; COSTA, DANIA Monteiro Vieira; PEROVANO, Nayara	- Alfabetização; Base Nacional Comum Curricular (BNCC).	Mikhail Bakhtin Maria do Rosário Mortatti Paulo Freire

Santos. Alfabetização na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). PRÓ-POSIÇÕES (UNICAMP. ONLINE), v. 31, p. 1-21, 2020.	Alfabetização articulada na BNCC. Teoria Enunciativa de Bakhtin.	Harvey J. Graff João Wanderley Geraldi
GONTIJO, C. M. M.; Antunes, Janaina Silva Costa. Diálogos com o Plano Nacional de Alfabetização (2019): Contrapalavras. REVISTA BRASILEIRA DE ALFABETIZAÇÃO , v. 1, p. 32-38, 2020.	- Política Nacional de Alfabetização (PNA). Políticas Públicas de Alfabetização. Privatização. Teoria Enunciativa de Bakhtin - Relações dialógicas.	Mikhail Bakhtin Theresa Adrião
RODRIGUES, Ednalva Gutierrez; GONTIJO, Cláudia Mendes; DRAGO, Rogério. Formação de Professores e Métodos de Ensino para Crianças Surdas. REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL , v. 26, p. 143-158, 2020.	Formação de professores de crianças surdas. Métodos de alfabetização. História da alfabetização de surdos no Espírito Santo entre 1950 e 1970.	Marc Bloch Mikhail Bakhtin Vigotski Maria Aparecida Leite Magda Soares
Livros		
GONTIJO, C. M. M. O processo de alfabetização: novas contribuições . 1. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2002. v. 1. 143p.	Alfabetização. História da alfabetização. Métodos de alfabetização. Índices de aprovação. Significação social da escrita. Teoria Enunciativa de Bakhtin. Gêneros do discurso em Bakhtin. O papel do desenho no desenvolvimento da leitura e da escrita. Conceito de linguagem escrita/falada em Vigotski.	Mikhail Bakhtin Vigotski Luria Alexis Lontiev Ana Luíza Smolka Silvia Lúcia Braggio Newton Duarte Agnes Heller Magda Soares Otaíza Romanelli Luiz Carlos Cagliariari Gaudêncio Frigotto Ferreiro e Teberosky
GONTIJO, C. M. M. Alfabetização: a criança e a linguagem escrita . 1. ed. Campinas: Editora e Autores Associados, 2003. v. 1. 155p.	Alfabetização. Métodos de alfabetização. Recurso Mnemônico. Função social da escrita. Conceito de apropriação e mediação. Conceito de signo. O papel do desenho no desenvolvimento da leitura e da escrita.	Vigotski Luria João Wanderley Geraldi Alexis Leontiev Newton Duarte Angel Pino Karl Marx Mikhail Bakhtin Ana Luíza Smolka Maria Cecilia R. de Góes Ferreiro e Teberosky

<p>GONTIJO, C. M. M. Alfabetização: políticas mundiais e movimentos nacionais. 1. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2014. 145p.</p>	<p>Alfabetização infantil. Letramento. Políticas públicas. Políticas nacionais e Internacionais. Índice de analfabetismo. Fracasso escolar. História da alfabetização. Definição do termo alfabetização. Perspectiva histórico-cultural.</p>	<p>Mikhail Bakhtin João Wanderley Geraldi Dermeval Saviani Brian V. Street Alceu Ravello Ferraro John Gumperz Paulo Freire Harvey J. Graff Magda Soares Ferreiro e Teberosky</p>
--	--	--

Fonte: Quadro elaborado pela própria autora do Trabalho de Conclusão de Curso.

3.2. APROFUNDAMENTO DOS ARTIGOS DA PROFA. CLÁUDIA GONTIJO

Em seu artigo *Ações adotadas no Espírito Santo para vencer a repetência nas classes de alfabetização (1960-1970)* publicado em 2019, as professoras Cláudia Gontijo e Dulcinéa Campos Silva investigam a história da alfabetização no Espírito Santo, tendo como objetivo analisar duas ações empreendidas pela Secretária de Estado da Educação e Cultura para promover melhoria dos índices de aprovação nas escolas do Espírito Santo nas décadas de 1960 e 1970. As autoras mostram como, por meio de tais ações, foram adotados critérios para formação de turmas homogêneas e sistemas de avaliação principalmente nas 1^{as} séries que tinham os índices de repetência mais preocupantes. O artigo apresenta autoras de referências que investigaram a história da alfabetização nas décadas de 1960 e 1970, como Mortatti (2000), Cardoso (2011) e Dornfeld (2014).

As autoras destacam que o artigo resulta de uma pesquisa documental, utilizando como fonte documentos/textos produzidos nos anos de 1960 e 1970 e respondem à necessidade de resolver o que era considerado um dos mais graves problemas da educação nacional e do Espírito Santo: a repetência, sobretudo na 1^a série. Elas utilizam como referencial teórico para as análises textos escritos de Mikhail Bakhtin, compreendendo que o texto se constitui no diálogo entre sujeitos, que são históricos e sociais, e com outros textos, sendo um produto ideológico, que só pode ser compreendido em seu contexto histórico, político, cultural e social.

As autoras apresentam como eram realizadas as classificações das crianças para formação de turmas homogêneas, em que o critério utilizado era o Teste ABC, de Lourenço

Filho⁵. As turmas eram formadas de acordo com a maturidade das crianças e a avaliação que foi modificada nas duas décadas tinha a finalidade de elevar os índices de aprovação. Entretanto, as autoras apontam que nem os critérios para formação de turmas homogêneas e nem os sistemas de avaliação adotados no Espírito Santo nas décadas de 1960 e 1970 contribuíram de forma significativa para elevar os índices de aprovação, pois esses princípios estavam baseados em um sistema que menosprezava as capacidades de crianças pobres que eram reprovadas nas escolas públicas, como apontam as próprias autoras Gontijo e Silva (2019, p.19-20):

Para essas crianças, faltavam elementos essenciais para sobrevivência, tais como alimentação adequada, vestimentas, cuidados médicos, saneamento básico etc. No entanto, indiferentemente a essa condição, os órgãos diretores da educação adotavam avaliações e classificações extremamente nocivas à formação desses sujeitos.

As autoras trazem ainda dois conceitos importantes em Bakhtin, um deles é o de “Inacabamento”, ou seja, a inconclusividade dos sujeitos, que Bakhtin desenvolveu analisando a obra de Dostoiévski. Segundo as autoras, tanto Dostoiévski quanto Bakhtin faziam críticas à Psicologia de seu tempo que acabava por “coisificar” o humano que ora pendia para uma concepção inatista (o ser nasce pronto) e ora para uma concepção comportamentalista (é fruto do meio social). Bakhtin defende uma formação dialógica, inconclusa, em processo, em relação histórica do antes, durante e depois e os personagens em Dostoiévski comportam-se semelhantes ao mundo real, não são seres prontos e acabados, vão se formando ao longo do enredo, sem um controle absoluto do autor-criador.

Em analogia às críticas realizadas por Bakhtin, Gontijo e Silva (2019) apontam que o critério para formação de turmas, sugeridos pela Secretária da Educação e Cultura partiam de teorias que faziam definições prévias das crianças, colocando limites para o seu desenvolvimento e as definindo a partir de um teste.

Outro conceito apresentado é o de “Valor Estético”, que Bakhtin se refere como “natureza emprestada”. Elas apontam que ao discutir sobre o valor que os sujeitos atribuem a

⁵ Segundo Gontijo e Silva (2019) o Teste ABC foi criado por Manoel Bergström Lourenço Filho, em 1928 e servia para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita. Desse modo, os testes proporcionavam não somente o diagnóstico dos níveis de maturidade, mas possibilitavam ainda prever o trabalho escolar, com base no prognóstico das capacidades de aprendizagem das crianças. Segundo esse autor, o teste classificava as crianças em normal, infranormal ou supernormal. A tentativa de homogeneização das turmas baseava-se, como pode ser notado, em caracterizações/definições das crianças estabelecidas previamente, principalmente psicológicas. Para esse autor, o fracasso ou mesmo a dificuldade de aprendizagem resulta de diferenças individuais, que, por sua vez, decorrem do nível de maturidade de cada aluno, defendendo a ideia de que a aprendizagem deve ser individualizada.

si mesmos, esse valor é de natureza emprestada, ou seja, resulta do reconhecimento do outro. Esse reconhecimento ingressa desde muito cedo na vida dos sujeitos, segundo Gontijo e Silva (2019 apud, BAKHTIN 2003, p.46) “as crianças recebem as definições iniciais de si mesmas”. A família, a escola, o entorno cultural vão imprimindo uma forma de conceber o mundo e de se ver no mundo que está imersa em valores, em ideologia que marcam as pessoas, assim, segundo Gontijo e Silva (2019, p.20):

A frieza com que os órgãos diretores do ensino criam categorias para classificar e avaliar as crianças produzem obstáculos intransponíveis para que estas possam melhorar seu desempenho nas escolas. Como prova disso, até os dias atuais, o maior desafio das escolas, da sociedade e dos governos é a garantia de alfabetização das crianças pobres. Isso porque os cenários mudam, os anos passam, as formas de classificação adquirem bases mais científicas, as avaliações se tornam mais rebuscadas, mas as crianças continuam a ser submetidas a mecanismos estigmatizantes perversos que não contribuem de maneira positiva para formá-las.

O artigo *Proposta curricular e avaliação da alfabetização no Espírito Santo* que também foi escrito pelas autoras Silva e Gontijo (2020) teve como objetivo analisar a proposta curricular implementada no Espírito Santo, na década de 1970, para atender aos princípios da inovação do ensino preconizados na nova Lei nº 5.692/1971, que reformou o ensino de 1º e 2º graus. O foco da pesquisa são os aspectos do currículo voltados para a alfabetização e, principalmente, o modelo de avaliação da aprendizagem adotado, que tinha como finalidade verificar a efetividade da proposta curricular no que diz respeito à sua capacidade de contribuir para a elevação dos índices de aprovação na 1ª série e sua adequação aos níveis de desenvolvimento das crianças.

As autoras utilizam novamente como referencial teórico e metodológico a concepção Bakhtiniana de linguagem, a noção de texto, já que a análise desse trabalho foi constituída por textos impressos produzidos pelos sujeitos que participaram da construção do currículo e da avaliação da aprendizagem na década de 1970.

A partir de Michael Apple elas refletem que o currículo que se configurou foi uma tradição seletiva, resultado das escolhas do grupo que ocupava postos de decisão política, de acordo com o que eles consideravam válidos acerca dos conhecimentos para a população. “Dito de outra forma, é uma autorização sobre o que pode ser aprendido” (SILVA E GONTIJO, 2020, p.3).

Silva e Gontijo (2020) apontam que no Espírito Santo, na década de 1960 a alfabetização era marcada por influências da pedagogia escolanovista, os livros de alfabetização adotados eram baseados no Método Global, em que as bases teóricas advinham

da teoria psicológica de Gestalt. Com a nova proposta curricular, a perspectiva cognitivista recebeu reforço das teorizações de Jean Piaget, interpretadas por Furth (1972) com base na racionalidade técnica.

Os textos escolhidos para compor os testes de leituras realizados levavam em conta somente a exploração de sílabas estudadas em detrimento do conteúdo e significado dos textos. As autoras apontam que a avaliação se tornou um elemento central na implementação da proposta curricular, organizando o ensino e fazendo o detalhamento dos objetivos, porém, no final da década de 1980, as autoras mostram dados que, mesmo com a nova proposta curricular e com a adoção de um novo sistema de ensino os índices de repetência e evasão continuaram altos e significativos e, segundo Silva e Gontijo (2020, p. 17):

A partir desses dados, é possível inferir que mudanças no currículo e na avaliação isoladas de uma política de investimento na formação dos docentes, de melhoria das condições de trabalho nas escolas, de distribuição de renda causam bastante murmúrio, mas não produzem transformações significativas na qualidade da educação disponibilizada às crianças das escolas públicas.

O artigo intitulado *Alfabetização na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* produzido por Gontijo, Costa e Perovano (2020), tem por objetivo analisar como a alfabetização está articulada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aprovada pelo Conselho Nacional de Educação em dezembro de 2017. Logo no início as autoras destacam entre vários artigos publicados em livros e revistas científicas, os artigos de Mortatti (2015), *Essa Base Nacional Comum Curricular: mais uma tragédia brasileira?* e Gontijo (2015), *Base Nacional Comum Curricular (BNCC): comentários críticos*, por discutirem especificamente a alfabetização.

Este mesmo artigo menciona Gontijo (2015) que destaca a partir dos seus estudos sobre a história da alfabetização no Brasil, que a elaboração de uma base não é algo novo, já que em outros momentos da história é possível observar iniciativas de órgãos gestores da educação básica nacional com esse propósito. Porém, é somente na década de 1990 que a proposição de um currículo comum nacional passou a ter como objetivo central a construção de metas de qualidade.

Utilizam como fonte a pesquisa documental, pois analisam documentos produzidos por órgãos encarregados da educação e destacam que tem como referencial teórico Bakhtin (2003), pois entendem “documento como enunciado/texto, ou seja, como resposta a uma cadeia discursiva mais ampla que se realiza ao longo da história e também no tempo presente” (GONTIJO, COSTA E PEROVANO, 2020, p.5).

As autoras problematizam a noção de competência presente na BNCC e como sua definição aponta para a ideia de que a escola básica precisa formar indivíduos capazes de utilizar os conhecimentos, habilidades, atitudes e valores na solução das demandas do cotidiano, promovendo o exercício da cidadania e o ingresso no mundo do trabalho. Ou seja, o que é aprendido na escola precisa ter uma utilidade prática, formando sujeitos que respondam as demandas da sociedade, passando a ideia de que a sociedade é justa e igualitária, sem necessidade de qualquer questionamento e que os processos são responsabilidade dos sujeitos individualmente.

Gontijo, Costa e Perovano (2020) apontam que a noção de competência adotada na BNCC, se relaciona com o modelo funcional de alfabetização adotado nos documentos da Unesco⁶, órgão encarregado da Organização das Nações Unidas (ONU)⁷, em 1960, para traçar as políticas mundiais de educação e que em um primeiro momento esse modelo pode até parecer revolucionário, já que indica o desenvolvimento de uma alfabetização para realização de ações, porém não podemos pensar em uma educação que forme apenas para demandas produtivas.

O modelo funcional de alfabetização, adotado pela Unesco, visava se contrapor ao modelo tradicional de alfabetização por acreditarem que esse não daria conta de formar sujeitos que atendessem as demandas do mundo produtivo. Assim o modelo funcional de alfabetização, prioriza o ensino da leitura, da escrita e do cálculo, tendo como o maior objetivo a formação de mão de obra escolarizada e mais produtiva para indústria.

As autoras destacam que o fato de a BNCC ter como um dos principais pilares a avaliação está ligado ao modo como o conhecimento é compreendido, um conjunto de habilidades, atitudes e valores que tem serventia, principalmente para o desenvolvimento econômico. Elas dão como exemplo, a Provinha Brasil e a Avaliação Nacional de Alfabetização que têm se dedicado a medir os conhecimentos relacionados apenas à técnica da escrita. O modelo funcional de alfabetização reduz a alfabetização na aquisição do código

⁶ A UNESCO é um acrônimo de “United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization” (Organização das Nações Unidas), sendo um organismo criado em 1945, pela ONU, que reflete as ações adotadas para Educação, a Ciência e a Cultura.

⁷ A Organização das Nações Unidas (ONU), é um organismo internacional que reúne diversas nações com intuito de facilitar a cooperação internacional para solucionar problemas de caráter econômico, cultural, social e humano.

escrito, proporcionando uma aprendizagem de conhecimentos rasos da leitura e da escrita, mas que permitem o sujeito se adaptar à sociedade produtiva.

Gontijo, Costa e Perovano (2020) apontam que o principal objetivo da BNCC é levar a aprendizagem da consciência fonológica e à aprendizagem técnica da escrita, ou seja, a alfabetização é reduzida em habilidades de codificação e decodificação, tendo como finalidade sua aplicação em situações práticas. As indicações de textos a serem utilizados correspondem a esse objetivo e também com poucos objetivos relacionados à produção de texto. As autoras criticam esse modelo, ao afirmarem:

Uma das formas de tornar efetivo o direito à liberdade de expressão na escola é proporcionar situações em que as crianças produzam textos (orais ou escritos, por meio do trabalho de escritura e de leitura). A livre expressão é um direito de todas as pessoas, portanto, também das crianças em fase de alfabetização. (GONTIJO, COSTA E PEROVANO, 2020, p17).

As autoras defendem a capacidade das crianças produzirem e lerem textos no processo inicial da alfabetização e na confiança das suas possibilidades de aprender a ler e a escrever na e com a diversidade de linguagens que compõem os textos. Para elas, as práticas de produção e leitura de texto levam os sujeitos (futuros trabalhadores) a questionar os conhecimentos, ter dúvidas, fazerem perguntas sobre seu lugar e seus direitos e por isso defendem a alfabetização como uma prática de liberdade que se contrapõem à formação de indivíduos passivos que se adaptam às demandas produtivas e são incapazes de no coletivo agir para construção de uma sociedade baseada na justiça social.

Segundo Gontijo, Costa e Perovano (2020, p.18):

As crianças, adolescentes, jovens e adultos precisam da escola como espaço formativo que lhes possibilite refletir sobre a vida, onde tenham a oportunidade de se constituir como sujeitos que duvidam, questionam, contradizem, concordam, interpelam e, desse modo, podem, coletivamente, transformar a sociedade.

Ao criticarem o modelo funcional de alfabetização, por consequência a BNCC, as autoras dizem que a alfabetização precisa ser refletida como uma prática sociocultural e também fazem a defesa de que a educação e a alfabetização são deveres do Estado e um direito fundamental de todos. Fazem críticas aos conceitos de alfabetização, assim como a avaliação da alfabetização, pois servem apenas para conformar todos os processos alfabetizadores a uma mesma lógica, contribuindo para manter um modelo econômico baseado na exploração dos indivíduos, na manutenção das desigualdades e, conseqüentemente, na falta de justiça social.

O artigo *Diálogos com o Plano Nacional de Alfabetização (2019): Contrapalavras* foi produzido por Gontijo e Antunes (2020) e é um ensaio que tem por objetivo dialogar com a Política Nacional de Alfabetização instituída pelo Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019. As autoras apresentam o art. 1º do Decreto nº 9.765 que determina: “A alfabetização no Brasil deverá basear-se em evidências científicas” e que tal questão deve ser problematizada, pois está diretamente ligada às pesquisas consideradas como referências, sendo assim, interferem na forma que é direcionado o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. Para Gontijo e Antunes (2020, p. 33):

No que diz respeito às pesquisas científicas, a questão não é teórica e nem metodológica. A questão é política, ou seja, em como o Estado, em detrimento do seu caráter público, passa a privilegiar empresas privadas (que se dizem sem fins lucrativos) do campo educacional e, especificamente, no campo da alfabetização, promovendo a privatização da educação e da alfabetização.

As autoras vão trazer uma reflexão acerca dos baixos índices de alfabetismo no Brasil e como esse problema é histórico, já que temos ouvido e lido por meio de textos oficiais e gestores do Ministério da Educação (MEC) sobre tal questão. Elas apontam que discursos frequentes são feitos, tais como: O Brasil possui baixos índices de alfabetismo; A escola pública não tem sido competente na tarefa de alfabetizar as crianças. Segundo Gontijo e Antunes (2020), como consequência desses discursos, empresas privadas passam a atuar na solução dos problemas da alfabetização, recebendo grandes orçamentos públicos, sem qualquer avaliação.

Portanto, se pararmos para pensar que os problemas envolvendo os baixos índices de alfabetismo no Brasil têm sido entregues às grandes empresas privadas, como apontam as autoras, e com base em evidências que elas mostram por meio de gráficos e dados divulgados pelo MEC, essa atuação tem contribuído para resolução deste problema? Como diz Gontijo e Antunes (2020, p. 34 – 34):

Podemos confiar nas possibilidades de as empresas privadas resolverem problemas relacionados à alfabetização de crianças? Com suporte nessas evidências, parece difícil criar expectativas positivas. Pelo contrário, é necessário questionar esse velho canto (de sereia), pois, se os índices de alfabetismo no Brasil são baixos, eles são devidos também à atuação da iniciativa privada que tem prestado serviços ao MEC, com a finalidade de corrigir o fluxo escolar e, por conseguinte, sanar dificuldades relacionadas com a distorção idade/série.

Com isso, as autoras salientam que a questão da privatização é ponto central para a análise da Política Nacional de Alfabetização (PNA), já que desde o início dos anos 2000 esse discurso reaparece no caderno dessa política e também é importante considerar sobre as

pesquisas que são elencadas na PNA, já que essas utilizam metodologias baseadas no modelo das ciências exatas e naturais (experimental). Com isso as autoras dizem que pesquisas de cunho experimentais levam à produção de dados e em contraposição refletem com Bakhtin, ao apontarem que as crianças são sujeitos de direitos e produtoras de discursos e que “as crianças que realmente pensam, sentem e agem estão ausentes das teorias que delimitam e limitam suas vidas. Por isso mesmo, no que se refere à PNA, a aprendizagem fica reduzida à aquisição da técnica da escrita” (GONTIJO E ANTUNES, 2020, p.37).

O 5º e último artigo que iremos aprofundar da professora Cláudia Gontijo intitula-se *Formação de Professores e Métodos de Ensino para Crianças Surdas* e permaneceu para análise pelo critério do recorte temporal, pois sua temática principal foge um pouco do escopo do trabalho, entretanto, os autores utilizados são referências que a autora defende dentro de seus princípios de linguagem como interação humana e também denota sua perspectiva histórica, por isso optamos por deixá-lo no conjunto dos textos a serem analisados.

O artigo em questão foi produzido por Rodrigues, Gontijo e Drago (2020). As autoras e o autor destacam que é um desdobramento de uma pesquisa que investigou a história da alfabetização dos surdos no Espírito Santo, nas décadas de 1950 e 1970. Este artigo discute a proposta de formação de professores e os embasamentos do método adotado para ensinar crianças surdas, no período de 1951 a 1961, quando Ana Rímoli de Faria Dória esteve na direção do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

O artigo vai apresentar que os currículos utilizados nas classes de surdos indicavam a redução dos conhecimentos a serem aprendidos com foco no ensino da língua oral. Os estudos mostraram que a principal preocupação de Ana Rímoli era ensinar as crianças surdas a falar, pois, sem essa capacidade, não haveria a comunicação e, conseqüentemente, a criança surda teria dificuldades em se desenvolver de forma saudável e segura.

Segundo Rodrigues, Gontijo e Drago (2020) Ana Rímoli vinculava teologia e pedagogia, ela relacionava a redenção dos pecadores, por meio de Jesus Cristo, com a redenção dos ignorantes, por meio da educação, pois, assim como os pecadores podem ser salvos e viver em harmonia com Deus, os marginalizados poderiam ser instruídos e viver em harmonia no seio da sociedade. Nesse sentido, a formação que ajudaria os professores a ensinar crianças surdas deveria estar fundada em bases científicas, mas também precisaria prepará-los para uma missão que exigiria deles sentimentos nobres para conduzir sua missão de remissão.

As autoras e o autor vão apontar que a gestão de Ana Rímoli de Faria Dória no INES nas décadas de 1950 a 1960, em conjunto com uma política nacional desenvolvimentista e que apesar das críticas que se possam fazer, existir nessa época uma preocupação em formar professores e criar métodos de ensino vinculados à realidade e às condições das crianças surdas é um avanço importante, e se ancoram nas críticas realizadas por Vigotski ao afirmar que a escola e seus métodos sempre foram pensados com base na existência de um intelecto e órgãos avaliados como normais a partir de etapas que levam à construção de conhecimentos cada vez mais elaborados.

A partir dos artigos aprofundados de Cláudia Gontijo, é possível vislumbrar a sua defesa de uma alfabetização que considera a linguagem como interação humana e como processo discursivo. Em seus artigos, ela busca em documentos e textos respostas para a problemática da alfabetização, que ela revela não ser apenas um problema atual, mas histórico e também político.

Em seus artigos e também livros que ainda serão apresentados, a autora e coautores mencionados, utilizam como referencial teórico Bakhtin, sendo a teoria enunciativa a base para analisar suas pesquisas. Fazendo uma aproximação com a concepção bakhtiniana de linguagem, Bakhtin (1997) afirma que “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua”, ou seja, enunciado é a linguagem, em sua manifestação oral ou escrita, que se constitui a partir das interações entre os sujeitos.

Partindo da compreensão de que somos sujeitos sociais e históricos e que nos constituímos da história e também fazemos história, Gontijo defende uma alfabetização que possibilite a construção da significação social da escrita, pois:

A alfabetização é um processo de inserção da criança no mundo da linguagem escrita. Assim, é o processo pelo qual as crianças tomam para si o resultado do desenvolvimento histórico-social, de modo que desenvolvam as possibilidades máximas da humanidade, quais sejam, da universalidade e liberdade do homem. (GONTIJO, 2002, p.2).

Partindo dessa concepção de sujeito e de alfabetização, a autora apresenta os desafios envolvendo a alfabetização, como as ações que foram tomadas para solucionar o problema do fracasso escolar, já que eram alarmantes os níveis de repetência e se fazia necessário aumentar os índices de alfabetização. Como afirma Gontijo (2019) o fracasso escolar deixa marcas de forma negativa, profundas e duradouras. Nas palavras de Gontijo (2014, p. 68-69):

O fracasso escolar⁸ é um problema antigo. E antiga também é a tendência daqueles que determinam os rumos da educação, que atribuem à escola e à formação de professores a responsabilidade por esse fracasso. Mesmo apontando que os problemas são mais críticos nas regiões Norte e Nordeste e nas áreas rurais e, portanto, que ocorre predominantemente entre as parcelas mais empobrecidas da população e, conseqüentemente, onde as desigualdades sociais são mais fortes, esse fator não é levado em conta como causa do fracasso escolar. Considerá-lo implicaria a necessidade de discutir e propor mudanças que atingem a estrutura social e econômica da sociedade brasileira, o que parece difícil, tendo em vista os compromissos políticos assumidos pelo governo federal. Assim, a responsabilidade recai exclusivamente na escola e, portanto, na incapacidade de os professores (pois são eles que constituem a instituição escolar) atender às necessidades básicas de aprendizagem dos educandos.

A autora também mostra a busca por soluções como a criação de uma base e documentos que direcionem como se deve alfabetizar e por quais métodos e pesquisas se deve seguir, Gontijo (2020) faz duras críticas aos órgãos gestores da alfabetização, já que a concepção de educação e alfabetização difundida, é o de uma educação prática que atenda as demandas da sociedade.

Ela reflete: a quem tem sido entregue ao longo da história, os problemas envolvendo os baixos índices de alfabetização no Brasil? Gontijo (2020) responde essa questão, afirmando que são as empresas privadas que muitas vezes são chamadas para “resolver” esta problemática. Portanto, a culpabilização pelo fracasso escolar acaba por ser reduzida apenas aos professores e aos métodos, quando não às próprias crianças e suas famílias, omitindo muitas facetas de um problema que também é social, econômico e político, em que os currículos e documentos produzidos são ideológicos e seletivos, pois é uma escolha dos grupos que estão nos cargos de poder. São aqueles que tomam as decisões que avaliam o que pode ou não ser aprendido e, portanto, respondem a uma concepção de educação, alfabetização e sociedade, já que não há interesse nas políticas públicas de resolver problemas que custem mudanças estruturais e sociais mais amplas.

Como aborda Freitas (2014) as empresas privadas, aqui chamadas por ele de reformadores empresariais, deparam-se com uma grande questão que é como liberar um pouco mais de conhecimento para as camadas populares sem abrir mão do controle ideológico e sem correr riscos de abrir espaços para teorias progressistas que acreditam na transformação da escola. Freitas (2019) afirma que a educação é uma área estratégica e quando privatizada está sendo colocada nas mãos de grandes grupos econômicos, deixando sob responsabilidade

⁸ Algumas considerações presentes no escopo desse trabalho, são questões que já se fazem presentes ao longo da minha jornada como Bolsista de Iniciação Científica e portanto fazem parte de textos apresentados anteriormente, como relatórios do PIBIC e também em eventos, como a ABALF.

destes a soberania da formação dos estudantes. Sendo assim, a educação precisa ser pensada como um aspecto indispensável e se faz necessário criar espaços alinhados a direitos humanos e não mercantilizáveis, assim compreendemos que não há neutralidade nas escolhas que se fazem influenciadas pelas políticas educacionais.

Gontijo (2020) também irá criticar um modelo funcional de alfabetização, modelo que defende métodos e práticas de leitura e escrita que formam sujeitos que não saibam produzir textos, para que não questionem e construam perante a sociedade um olhar crítico. Portanto, fornecer às crianças textos sem sentido, sem autoria e criados somente para as avaliações, não podem ser considerados um enunciado, uma comunicação discursiva, pois não permite uma resposta e nem responde a nada. Como assinala Gontijo, (Apud Bakhtin, 2003, p. 381) “Aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido para nós”. Gontijo (2019) afirma que uma das causas do fracasso escolar, está ligada a esses modelos de textos baseados em generalizações que ignoram a diversidade da linguagem e da própria criança. Nas palavras da autora,

[...] consideramos que a linguagem escrita não é apenas um sistema de sinais gráficos que servem para registrar os sons da fala humana. Ela é, também, um conhecimento, construído ao longo do desenvolvimento histórico-social, que serve de apoio a funções intelectuais, além de ser mediadora entre os homens e entre os indivíduos e as esferas mais amplas de objetivação do gênero humano.(GONTIJO, 2002, p. 26).

Por isso, é fundamental promover situações que as crianças sejam autoras e que produzam textos orais e escritos para uma formação humana. Como afirma Goulart:

A proposta é que se tomem as enunciações das crianças no processo concreto de interação como base para as atividades de sala de aula, que se trabalhem os diferentes gêneros do discurso e as situações em que são produzidos e que evocam, e se possa chegar ao exame das formas da língua, orientado pelo processo de produção de sentidos.(2019, p.16).

A partir dos artigos de Gontijo aqui aprofundados, pudemos conhecer as pesquisas desenvolvidas pela autora e seu ponto de vista bastante crítico para propostas que não consideram a criança, seu conhecimento, o contexto histórico e social que se inserem. A autora aponta que escrever e ler é dialogar e por isso é de suma importância reconhecer as crianças e seus discursos, pois elas estão inseridas em práticas de leitura e escrita, portanto, defende que a alfabetização é fundamental para a formação integral e crítica do sujeito.

3.3. APROFUNDAMENTO DOS LIVROS DA PROFA. CLÁUDIA GONTIJO

Além do aprofundamento dos cinco artigos, um dos objetivos deste capítulo era fazer o aprofundamento de três livros produzidos pela professora Cláudia Gontijo e antes de iniciar, gostaríamos de situar o leitor que não iremos trazer toda pesquisa e conteúdo presentes nos livros, por serem materiais extensos e densos, mas apresentaremos os principais conceitos e perspectivas que autora nos apresenta a partir dos seus estudos.

O livro *O processo de alfabetização*, publicado em 2002, inicia trazendo brevemente um pouco da história da alfabetização ao abordar os diferentes olhares sobre o processo de desenvolvimento da escrita na criança, alguns métodos e teorias, como o construtivismo, que foram difundidos e discutidos ao longo dos anos e assim como nos artigos apresentados, a autora reafirma que a alfabetização está ligada a uma concepção de ser humano e sociedade.

A autora aponta que seu objetivo a partir da pesquisa realizada é recuperar a historicidade do processo de alfabetização. Assim, a partir de um estudo de caso realizado, tem o propósito de evidenciar os processos que se desenvolvem nas crianças durante a fase inicial de alfabetização escolar. Um dos grandes problemas identificados no início do estudo de caso, foram as medidas que haviam sido tomadas para minimizar os altos índices de repetência na primeira série do ensino fundamental, em que na rede municipal de ensino de Vitória, em 1991, foi criado o Bloco Único, que previa um período de dois ou três anos para a alfabetização das crianças, em que não existia mais a seriação nos anos iniciais da escolarização.

Em sua pesquisa realizada com 34 crianças da rede pública, que estavam iniciando o processo de alfabetização em uma classe do Bloco Único, em idades entre sete e dez anos, Gontijo inicialmente buscou compreender quais os sentidos que as crianças e os pais vinculavam à alfabetização. A pergunta realizada foi se eles consideravam a aprendizagem da leitura e da escrita importantes e por quê. Algumas respostas das crianças foram: “porque dá pra nós aprender e passar pra outra série.” “ Porque na hora que chegar na outra sala eu já sei ler.” E como último exemplo: “Vou poder fazer meu nome todinho, completo, o alfabeto todo, o nome da escola e poder ler o dever do quadro”.

Para Gontijo (2002), a explicação das crianças expressa sentidos que são vinculados pela própria escola e estão dissociados do sistema de significação social da escrita, em que aprender a ler e escrever vai possibilitar a realização de atividades e não que as realizações de

atividades vão conduzir à apropriação da leitura e da escrita, “dessa forma, podemos dizer que a alfabetização, como um processo pedagógico de apropriação e objetivação da escrita, está tomada como produto histórico da atividade social, se torna, na escola, para as crianças, um processo alienado e alienador” (GONTIJO, 2002, p. 43).

Sendo assim, a alfabetização se torna a aquisição de uma técnica no contexto escolar, em que é necessária para resolução de atividades elaboradas pela própria escola, ocultando que a alfabetização é um processo fundamental na formação dos indivíduos e que deve contribuir para que mudanças sejam realizadas nas formas de atividades coletivas e individuais.

Portanto, Gontijo (2002) afirma que as crianças estão vivenciando a alienação da alfabetização, pois não estão vivendo situações de aprendizagem que possibilite a construção da significação social da escrita, ela se tornou apenas um meio para realização de atividades ou mobilidade social, em que “aprender a ler e a escrever representa para as crianças uma possibilidade de mudança na sua condição social, econômica e cultural” (GONTIJO, 2002, p.48).

Podemos articular essa questão que aparece no livro de Gontijo (2002), com seu artigo sobre a PNA (2020), em que a formação de trabalhadores está diretamente ligada com a escolarização dos trabalhadores, em que o sistema de significação que fixa determinados conteúdos ideológicos, apesar de aparentar neutralidade, reflete ideias e os interesses econômicos de uma classe que detém o poder. Sendo assim os sentidos nas enunciações das crianças revelam os sentidos construídos para a alfabetização. Nas palavras de Gontijo (2002, p. 53),

Numa sociedade de classes, a ideologia que predomina é a de classe dominante, que reforça as relações sociais existentes. Assim, os sentidos atribuídos pelos sujeitos à alfabetização estão fundidos em um sistema de significações que exprime um conteúdo ideológico ligado a esse fenômeno, o qual mascara e oculta a significação social da alfabetização: Possibilitar a formação da consciência crítica.

As crianças também atribuem sentidos diferentes à alfabetização, em que a aprendizagem da leitura e da escrita é motivada por situações cotidianas que acontecem fora da escola. Gontijo (2002) aponta que das 30 crianças que participaram da entrevista, apenas cinco enunciaram sentidos ligados aos usos sociais da escrita, ela revela que as crianças na fase inicial da alfabetização realizam atividades para aprenderem a ler, no sentido de decifrar o que está escrito, porém atividades ligadas aos usos sociais da escrita, ficam para depois, ou seja, para etapas mais avançadas da escolarização. Gontijo afirma:

Consideramos que os sentidos atribuídos à aprendizagem da leitura e da escrita, na fase inicial de alfabetização, estão desintegrados da significação social desse aprendizado, e a escola, graças aos métodos usados para ensinar a ler e a escrever, acentua essa distância. (2002, p 53).

Gontijo (2002) defende a alfabetização como um produto histórico-social e que a apropriação desse sistema determina e modifica a vida da criança, sendo assim a educação deve possibilitar que o sujeito reflita com consciência sobre a realidade, transformando-a e se transformando como sujeito sócio-histórico. Ela também afirma que a escola tem um papel fundamental, pois é a mediadora entre as crianças e a significação social da escrita, ou seja, entre as crianças e o conhecimento historicamente produzido e o professor é responsável por intermediar esse processo, organizando e conduzindo as atividades de ensino e aprendizagem. Na concepção da autora,

A apropriação das relações entre letras e fonemas não são suficientes para que as crianças compreendam a significação social da escrita, porque a primeira não se reduz à aquisição da habilidade de análise das unidades menores das palavras e de grafar símbolos gráficos adequados a cada segmento sonoro... Desse modo, um ensino que priorize a formação de operações intelectuais em detrimento do significado social da escrita perde de vista as finalidades do processo educativo – a formação da humanidade consciente. (GONTIJO, 2002. p.126 -128).

O segundo livro que escolhemos para realizar um aprofundamento intitula-se *Alfabetização: a criança e a linguagem escrita*, publicado em 2003. A obra também resulta de um trabalho de pesquisa, a tese da autora, e busca analisar e discutir como as crianças escrevem e se relacionam com a escrita ao serem incentivadas a usá-la como recurso mnemônico⁹. Portanto, a proposta do livro é apresentar as investigações realizadas sobre a apropriação da escrita pelas crianças matriculadas na 1ª série do ensino fundamental da rede pública.

A autora inicia a obra abordando que a alfabetização sempre esteve no centro das suas preocupações e que na condição de professora alfabetizadora, essas preocupações estavam para a descoberta de métodos de ensino mais adequados. Ao começar a se apropriar dos conhecimentos elaborados por Ferreiro e Teberosky (1989) sobre a gênese da linguagem e a evolução da escrita, ela confrontava esses conhecimentos com as produções escritas das crianças que trabalhava. Gontijo (2003) aponta que a primeira questão que chamou sua atenção foi o fato de não verificar o processo evolutivo proposto por Ferreiro e Teberosky (1989) nas produções textuais das crianças.

⁹ Recurso Mnemônico são técnicas utilizadas para auxiliar no processo de memorização.

Assim, a autora decidiu se aprofundar nos estudos sobre a perspectiva histórico-cultural, na busca de uma ancoragem mais apropriada para basear sua investigação. Gontijo (2003) considera que a escolha de uma determinada perspectiva teórica se relaciona com uma maneira específica de olhar, analisar, explicar e até intervir nos processos que acontecem nas crianças no seu desenvolvimento.

Como a proposta do livro é apresentar a apropriação da escrita pelas crianças e a autora considera que o termo apropriação está vinculado à abordagem que fundamenta este trabalho, a perspectiva histórico-cultural, ela apresenta e aprofunda dois conceitos que considera fundamentais: os conceitos de apropriação e mediação. Abordaremos a seguir esses dois conceitos de maneira breve e exemplificada.

Gontijo (2003) inicia a explicação apontando que um pressuposto fundamental da perspectiva histórico-cultural está na constatação de que os processos são constituídos primeiramente entre as pessoas para, depois, tornarem-se do próprio indivíduo, “se é assim, é necessária a existência de um processo que possibilite a conversão para o plano individual das funções construídas no plano social” (GONTIJO, 2003, p.10).

A autora aborda que Vigotski denomina esse termo como internalização, e explica: “O termo internalização pode ser usado para explicar os processos que possibilitam a conversão da atividade social, intersíquica, em atividade individual, intrapsíquica.” (GONTIJO, 2003,p.10). Gontijo (2003) diz que o termo “internalização” não é o mais adequado em relação a corrente filosófica que orienta os trabalhos do autor, e sim o termo apropriação, utilizado por Leontiev (1978), porém considera que seu uso por Vigotski revela a impossibilidade de elaborar um termo mais adequado. Inferimos ainda que podem ter sido também questões relacionadas à tradução, visto que muitas obras tanto de Vigostki, quanto de Bakhtin vêm sendo atualizadas com traduções diretas do russo e mostrando algumas falhas nas primeiras publicações que chegaram para nós.¹⁰

Gontijo (2003) afirma que as crianças não se apropriam dos resultados desenvolvidos ao longo da história de maneira imediata, mas que esse processo é mediado pelas relações com as outras pessoas no decorrer da vida, pois, segundo Vigostki, é por meio dos outros que nos tornamos nós mesmos. Portanto,

O mundo com o qual as pessoas se relacionam, por intermédio das outras pessoas, não é uma realidade em si, ou seja, um mundo que não sofreu a ação humana, mas é

¹⁰ Exemplos de autoras que têm se dedicado a essas traduções diretas do russo: Zoia Prestes, Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo, Elizabeth Tunes.

constituído pelos próprios homens numa atividade em que estes modificam a natureza, a si mesmos e os seus semelhantes. (GONTIJO, 2003, p.15).

Porém, como afirma a autora, a apropriação só é possível se as relações das crianças com o mundo das objetivações forem mediadas pelas relações com as outras pessoas e “... as relações entre as pessoas se realizam por intermédio da linguagem, sendo, portanto, as relações de comunicação” (GONTIJO, 2003, p.18). Sendo assim, as relações entre as crianças e o mundo ou com as outras pessoas são mediadas pela linguagem, que permite que as apropriações aconteçam.

A partir desse processo, as ações que antes eram exercidas sobre as crianças, passam a ser exercidas por elas mesmas. Gontijo (2003) apresenta que a apropriação se torna possível no plano individual pela mediação dos signos e explica que o signo é um fenômeno do mundo exterior, resultado das práticas sociais humanas e são mediadores das relações construídas pelos próprios seres humanos para garantir que a história continue. A autora enfatiza a linguagem escrita como signo, pois a essência da escrita está no fato dela ser um sistema de símbolos e signos e afirma que: “A linguagem escrita representa os sons da fala e, como mencionei essa é uma aprendizagem necessária, mas não pode ser reduzida a essa relação, senão será esvaziada das significações que possibilitam a realização de suas funções.” (GONTIJO, 2003, p. 24).

A partir dessa perspectiva, afirma que a apropriação da linguagem escrita deve ser estudada nas condições reais em que ocorre e desse modo buscou analisar como esse fenômeno se desenvolve nas crianças, evidenciando as relações entre o desenvolvimento da escrita e a prática da alfabetização. Gontijo (2003) enfatiza que a prática educativa de alfabetização é mediadora do processo de apropriação da linguagem escrita e que a história da escrita da criança é a história de como ela aprende a empregar essa forma cultural complexa para si e para os outros. Em sua perspectiva,

A alfabetização é um processo complexo, pois envolve a apropriação de um conjunto de processos que precisa ser ensinado. Diferentemente da aprendizagem da linguagem oral, não é suficiente que as crianças tenham nascido em um meio social onde vivem pessoas letradas para que venham aprender a ler e a escrever. Os processos que se constituem nas crianças, durante a fase inicial de alfabetização, resultam das relações com as outras pessoas (adultos ou outras crianças) que lhes ensinam a ler e a escrever. (GONTIJO, 2003, p. 136).

O terceiro livro escolhido para compor o escopo desse trabalho intitula-se *Alfabetização: políticas mundiais e movimentos nacionais* e é um livro mais recente de Gontijo, publicado em 2014.

O livro, como bem dito em sua apresentação, reflete o quanto Gontijo tem se constituído ao longo dos anos incansável em afirmar a alfabetização como um direito humano e social. Sendo assim a obra é uma parte significativa das experiências da autora, como professora e pesquisadora e é um convite para refletir ao levantar questões importantes que envolvem as políticas de alfabetização infantil no Brasil.

A proposta da obra é analisar a alfabetização infantil no Brasil a partir de 2003 e esse recorte temporal se justifica por dois fatores. Um deles é que a Organização das Nações Unidas (ONU), declarou que o período de 2003 a 2014 seria designado como a década da alfabetização e também porque foi no ano de 2003 que Luiz Inácio Lula da Silva assumia a Presidência da República do Brasil, e sua vitória, como aponta Gontijo (2014) se deu sobre o candidato patrocinado pela situação que acenava para possibilidades de “mudanças” nas diversas áreas sociais, principalmente na educação.

A partir dessa perspectiva e dos interesses demonstrados pela ONU e outros organismos internacionais pela alfabetização e mudanças no âmbito nacional, Gontijo (2014) questiona sobre a alfabetização no Brasil e as possibilidades dos programas articulados ao Governo Federal contribuírem para melhorar a qualidade da educação e da alfabetização.

Gontijo (2014) explica que a declaração da década da alfabetização feita pela ONU, pode ser pautada em três razões fundamentais: Há um índice de analfabetismo muito grande no mundo, em que em uma escala global, um em cada cinco adultos não sabem ler e escrever. A alfabetização é um direito humano reconhecido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos¹¹ que continua a ser violado, considerando que o índice de analfabetismo cresceu na década de 1990. E por fim, os esforços no intuito de aumentar os níveis de alfabetismo não tem sido suficientes e essa declaração abre oportunidades para que os governos tomem medidas para construir políticas nacionais de alfabetização.

Para Gontijo, se investimentos para educação e alfabetização forem prioridades efetivas no interior das políticas públicas, a educação oferecida às crianças pode contribuir

¹¹ A Declaração Universal dos Direitos Humanos, como aponta Gontijo (2014), afirma que toda pessoa tem direito à educação e que essa deve ser gratuita, pelo menos em seus graus elementares e fundamentais. A Declaração também diz, em seu artigo XXVI (p.12) que a instrução elementar deve ser obrigatória, a instrução técnica – profissional acessível para todos e a instrução superior, baseada no mérito.

para evitar que escola continue a produzir analfabetos ou indivíduos que não sabem usar os conhecimentos aprendidos para agir criticamente no mundo e por isso declara refletir sobre a alfabetização infantil, sem desconsiderar a importância e necessidade de discutir as ações políticas direcionadas aos adolescentes, jovens e adultos.

Dividido em três partes, na primeira Gontijo (2014) discute as condições sociais, políticas e econômicas que levaram a alfabetização se tornar central nos planos de educação dos organismos internacionais, no início do século XXI, além de buscar compreender o conceito de alfabetização adotado pela ONU para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) para subsidiar suas propostas no passado e presente. Segundo Gontijo (2014, p.8):

Apesar de o século XX ter sido palco de mudanças tecnológicas e científicas jamais observadas ao longo da história humana, a sociedade mundial e as escolas não conseguiram solucionar o problema do fracasso escolar, além de também não terem conseguido garantir o acesso de todos à escola.

Apresentando a preocupação dos organismos internacionais e as medidas que foram tomadas ao longo dos anos para solucionar os baixos índices de alfabetismo e o insucesso de tais medidas, Gontijo (2014) conclui que a centralidade da alfabetização está ligada ao fracasso das políticas mundiais. Tendo em vista a necessidade de refletir conceitos de alfabetização que possam dar suporte para as políticas e práticas educativas atuais, Gontijo busca na história a evolução de tal compreensão e também considera importante discutir o conceito de alfabetização orientador das políticas nacionais.

A autora aponta que por meio da Comissão de Educação e Cultura foi constituído um Grupo de Trabalho (GT)¹² pela câmara dos Deputados para elaborar um relatório que expressasse a posição dos parlamentares em relação à alfabetização infantil. O coordenador do GT era diretor – presidente do Instituto Alfa e Beto (IAB), criado em 2006. Segundo informações encontradas no site do instituto, que é destinado à alfabetização infantil, ele se baseia no método fônico, baseando-se em evidências científicas de que o ensino pautado na relação fonema – grafema é essencial. De acordo com Gontijo (2014, p.27), os demais membros desse GT também compartilham a ideia de que a competência central na alfabetização é a decodificação, “O GT foi composto por pesquisadores que pensam a

¹² O Grupo de Trabalho constituído pela Comissão de Educação e Cultura tinha como membros: Fernando Capovilla (Brasil), Cláudia Cardoso-Martins (Brasil), Jean –Emile Gombert (França), João Batista Araújo e Oliveira (Brasil – Coordenador do relatório), José Carlos Junca de Moraes (Portugal – professor e diretor da UNESCO), Marilyn Jaeger Adams (Estados Unidos) e Roger Beard (Inglaterra).

alfabetização como um conjunto autônomo de competências e que o enfoque fonético é o mais apropriado para ensinar ler e a escrever”.

A autora ainda, salienta que a Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados assumiu o papel para promover o “debate” sobre a alfabetização, que segundo Gontijo (2014) não aconteceu, já que os autores do relatório partem da mesma formação ideológica e discursiva. A autora explica que debate é um gênero discursivo que promove o diálogo entre diferentes formas de pensamento, portanto, permaneceu o caráter autoritário por não ser permitida a participação de diferentes posições na produção do relatório.

O relatório que foi incorporado pelo Ministério da Educação (MEC) e teve como consequência a implementação da Provinha Brasil, que tinha o intuito de avaliar a alfabetização, defende que as atividades de leitura têm a finalidade de levar a criança a aprender a decodificar durante o processo de alfabetização. Nesse caso, a leitura com significado vem depois de aprender a decodificar. Gontijo (2014) afirma que a compreensão da leitura como processo de decodificação, sustentou métodos de ensino ao longo da história da alfabetização e portanto as concepções de ler e escrever adotadas pelo GT não são inovadoras.

Gontijo (2014) afirma que a concepção de alfabetização defendida é o método fônico e a finalidade do trabalho com a leitura na alfabetização é levar ao reconhecimento de palavras, já que, para esta perspectiva, nessa etapa da escolarização, não se visa à compreensão de significados. Para o GT, a decodificação é a competência mais importante.

A autora também apresenta uma crítica à Magda Soares que produziu um texto intitulado *Alfabetização e letramento: as muitas facetas*, em resposta ao relatório produzido pela Câmara dos Deputados. Gontijo (2014) recorre a esse texto, porque as ideias apresentadas por Soares, posteriormente serviram de base para os programas de alfabetização implementados pelo MEC.

Em resumo, Gontijo (2014, p.47 - 48 apud SOARES, 2004) afirma que para Soares é preciso recuperar as especificidades da alfabetização. A alfabetização deve ocorrer em espaços de letramento, pois diferente dos países desenvolvidos, nós não superamos o grave problema da aprendizagem inicial da leitura e da escrita e para superação do fracasso escolar é preciso reconhecer as especificidades da alfabetização, que por fatores de natureza pedagógica e conceitual acabamos perdendo.

Gontijo (2014) enfatiza que tanto as discussões e reflexões apresentadas no relatório do GT e no texto de Soares levam a concluir que a alfabetização no Brasil tem sido pensada com base em experiências estrangeiras e não pelas pesquisas sobre as práticas educativas nacionais, já que as únicas referências são as avaliações que medem o desempenho da leitura e da escrita e por meio delas se constituiu um pensamento generalizado de que a escola não tem alfabetizado as crianças de forma adequada.

Gontijo (2014), portanto, busca em pesquisas que analisaram a alfabetização em diferentes estados brasileiros, ou seja, pesquisas sobre as práticas de alfabetização, verificar se essas pesquisas indicam mudanças que sinalizem a perda da especificidade da alfabetização e a necessidade de retomar métodos e práticas, indicadas pelo GT que já mostraram ao longo da história da alfabetização a sua ineficiência em alfabetizar as crianças.

A autora conclui com base nas pesquisas analisadas que a alfabetização não perdeu a especificidade como aquisição do código escrito, como dito por Soares (2004) e pelo GT e que essa não perda representa a mais importante recorrência nos trabalhos analisados. Para Gontijo (2014), apesar de mudanças conceituais e pedagógicas, as práticas continuam privilegiando os aspectos mecânicos do ler e escrever, em que mesmo com novos textos nas salas de aula, textos que circulam na sociedade, eles continuam sendo usados para ensinar as unidades menores da língua. Assim,

O grande problema das proposições de Soares (2004) e do relatório produzido pelo GT (Brasil, 2007a) reside na falta de consideração à pesquisa nacional sobre as práticas de alfabetização que se realizam nas escolas. Essa não consideração conduz a um grave equívoco: a falsa afirmação da perda de especificidade da alfabetização. Essa perda pode até ser observada no discurso educacional, nas experiências estrangeiras, mas não pode ser percebida nas práticas nacionais de alfabetização. (GONTIJO, 2014, p.63).

Com base nas análises dos programas voltados para alfabetização infantil implementados pelo MEC, a partir de 2003, Gontijo (2014) aponta para o empobrecimento nos conhecimentos que serão aprendidos pelas crianças na fase inicial da sua escolarização. O MEC justifica a decomposição da linguagem pela necessidade de se refletir as unidades menores da língua, levando assim a aquisição da consciência fonológica, desconsiderando a dimensão discursiva da linguagem. Para Gontijo, (2014, p.132):

[...]acredito que as crianças precisam aprender a fazer uso da leitura e da escrita em práticas sociais que requerem a utilização desses conhecimentos. Porém, esse aspecto não pode subsumir a dimensão e o caráter político da alfabetização. Não vivemos em uma sociedade justa e verdadeiramente democrática. Por isso mesmo, a educação escolar e a alfabetização não podem se reduzir a formar indivíduos adaptados às leis do mercado e, portanto, capazes de responder às demandas sociais.

Para finalizar, Gontijo (2014) considera a alfabetização como um dos campos mais importantes na formação das crianças, já que as transformações sociais mais difíceis de acontecer em uma sociedade como a nossa, são iniciados pela busca de um ensino como produção e conhecimento, por isso sua defesa para espaços de alfabetização que sejam espaços e tempo para exercer a cidadania, com produção e leitura de textos que permitam, por meio do dizer, o exercício da cidadania plena.

Gontijo (2014) enfatiza em sua obra não querer fazer previsões pessimistas, mas que baseada na experiência do passado, não podia deixar de pensar nas dificuldades dos programas atingirem o objetivo de melhorar a qualidade da alfabetização nas escolas, pelo modelo de ensino-aprendizagem adotado já terem sido adotados no passado, mesmo que mudanças tenham sido feitas, não foram significativas.

A obra de Gontijo já indicava a partir das tentativas de implementação da concepção de alfabetização adotada pelo MEC nas escolas, através dos programas criados, que o trabalho pela defesa da alfabetização que considera a linguagem como interação humana e como processo discursivo seria árdua. Assim, em conjunto com o artigo “Alfabetização na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)”, de 2020, já aprofundado neste trabalho, vimos os rumos que os conceitos de alfabetização e letramento adotados pelo MEC tiveram, pois para além dos programas analisados por Gontijo em 2014, em dezembro de 2017 foi homologada a Base Nacional Comum Curricular.

Assim, estudar sobre alfabetização se justifica pela necessidade de aprofundamento sobre as tendências teóricas para a área de alfabetização e suas implicações nos processos de ensino e aprendizagem de leitura e de escrita nos anos iniciais do ensino fundamental, já que ao adentrarmos nas obras de Gontijo, em que conhecemos produções de 2000 a 2021, duas décadas de distância, pudemos ver que as problemáticas no campo da alfabetização continuam as mesmas, já que as políticas e discussões impostas para a educação e alfabetização vão ganhando novas roupagens ao longo dos anos, mas continuam em sua essência as mesmas.

Gontijo apresenta a partir de seus artigos e livros aprofundados a história da alfabetização na particularidade do Estado do Espírito Santo e também na amplitude do Brasil, quando investiga importantes documentos que configuram a educação e a alfabetização, revelando que os problemas envolvendo a alfabetização são históricos. Ela mostra, através da história, as contradições e disputas acerca da alfabetização, em que não há

neutralidade nas escolhas que refletem as políticas educacionais e nos leva a refletir sobre os motivos das políticas mundiais darem tanta atenção à alfabetização infantil.

Ao apresentar suas reflexões sobre a alfabetização, por meio da história, da prática e das políticas, ela revela que a alfabetização foi democratizada e a escolarização também, porém sempre em níveis regulados e controlados (de acordo com as demandas da sociedade), porém as desigualdades econômicas prevaleceram e são originárias de uma sociedade excludente. Assim, Gontijo expõe as fragilidades da alfabetização como uma esperança de cidadania plena e política pública não formulada. Como aponta Gontijo (2002, p.37) “a falta de continuidade das políticas públicas, a inexistência de projetos para a educação, que tenham por objetivo a formação da individualidade livre e universal, são os principais responsáveis pelo fracasso das crianças na escola pública”.

Como já apresentado, o fracasso escolar é um problema multifacetado, sendo social, econômico e político e, por isso, compreendemos a alfabetização como um campo de disputas. O fracasso escolar, refletido nos baixos índices de alfabetismo continua sendo um problema que inquieta e está ligado às fragilidades da irrealização de um estado democrático, como aponta Araújo (2003) na apresentação do livro de Gontijo, em que a reposição das injustiças e das desigualdades sociais acena para uma promessa de igualdade que não se tornou tão pública assim para determinadas camadas da sociedade. Para Gontijo, o analfabetismo é uma forma de exclusão social que não pode ser superada isoladamente, é preciso considerar o problema central da desigualdade para se obter resultados significativos. “O analfabetismo é resultado dos processos de exclusão e de marginalização gerados por sociedades fundadas na exploração do trabalho e, por tanto, dos seres humanos” (GONTIJO, 2014, p.13).

Como apresentado anteriormente, é uma escolha dos grupos que estão no cargo de poder tomar decisões e avaliar o que pode ou não ser aprendido, e, portanto, respondem a uma concepção de educação, alfabetização e sociedade, já que não há interesse nas políticas públicas de resolver problemas que custem mudanças estruturais e sociais em toda sociedade. Como aponta Geraldi (2014) o consenso (ou as soluções de compromisso) gera poder, o poder gera exclusões.

O grande responsável pela educação em um regime democrático é o Estado, o mesmo Estado que está sempre atendendo aos desejos das grandes empresas e precarizando a educação, já que como vimos, a partir dos estudos de Gontijo, as soluções para resolver os

problemas envolvendo a alfabetização, tem sido entregues às grandes empresas privadas. Gontijo (2020, p.19) defende que “a garantia de educação pelo Estado é uma das condições para a construção de uma sociedade justa, livre e solidária”, ela compreende que a educação e a alfabetização são bens públicos, pois a escrita é resultado do trabalho humano e, portanto, a alfabetização constitui-se como um processo histórico-social que deve possibilitar que o sujeito reflita sobre a realidade para transformá-la.

Com base nas obras aprofundadas, vimos a partir dos estudos da autora, que não é a escolha de um método ou concepções que irá solucionar o fracasso escolar, mas as condições sociais a que crianças e professores estão submetidos. Pois como afirmou Gontijo (2020) as discussões em torno de conceitos de alfabetização servem apenas para conformar os processos em uma lógica, ou seja, conformar nos mesmos problemas, para que se mantenha o modelo econômico baseado na exploração humana.

Assim, Gontijo (2002; 2003; 2014) a partir de suas obras analisadas, não desconsidera a importância de uma concepção teórica, já que diz que as perspectivas que defendemos dizem muito sobre a forma que enxergamos as crianças e a sociedade, mas nos leva a refletir que quando as discussões não saem desse âmbito, ou seja, não há avanços nesse diálogo, há uma tentativa de obscurecer as relações sociais, econômicas e também políticas de desigualdade.

A autora também reconhece a alfabetização como um direito humano e social e coloca como desafio permanente construir políticas públicas de alfabetização. Ela vai contra a ideia de alfabetização que invisibiliza as crianças como sujeitos produtores de história e cultura, mas defende a educação que olha para a criança como um sujeito histórico e portanto, compreende a alfabetização em uma perspectiva de transformação, que como já dito, o sujeito conhece a história, apropria-se da história e também faz história. Assim, Gontijo reconhece que a escrita deve ser desenvolvida sempre vinculada às práticas sociais. Em sua concepção,

A produção e a leitura de textos afirmam a educação como prática de liberdade e se contrapõem ao discurso da escola sem partido, à tentativa de atribuir à educação escolar um caráter pretensamente neutro, instrumental, cuja finalidade é formar pessoas para responder demandas sociais e econômicas em práticas situadas ou de atuação. (GONTIJO, COSTA E PEROVANO, 2020, p.17).

A alfabetização é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, mas como apresentado nos artigos e livros aprofundados, os documentos oficiais têm enfatizado a escrita como uma técnica e a alfabetização como um processo alienado, onde a concepção de alfabetização retratada se baseia na codificação e decodificação da leitura e da escrita e não

em seu significado, assim os textos são utilizados apenas para extração da relação fonema-grafema. Gontijo afirma que sempre há a tentativa de evitar as possibilidades de mudança que ler e escrever permitem a partir das infinitas interações possíveis, portanto, ler e escrever para decodificar, não possui caráter transformador, pois em nada critica nem exercita a liberdade, enquanto um processo de alfabetização voltado para sua significação social, possibilita a formação da consciência crítica.

Em síntese, a quem não interessa a formação de um sujeito crítico e que exercite a cidadania e sua liberdade? A quem não interessa fornecer uma educação de qualidade para que a sociedade seja transformada e assim tenhamos sujeitos engajados na luta pela justiça social? Há quem não interessa? Quem se beneficia em continuar discussões sobre métodos que como Gontijo já afirmou, provaram-se ineficientes? Há quem interessa a produção de textos sem sentido que não permitam reflexões e geram mais e mais cartilhas e materiais produzidos e vendidos?

A resposta me parece óbvia e já foi respondida ao longo desse trabalho, para discutirmos sobre a alfabetização, precisamos também estudar sobre as relações de poder que geram exclusões, como apontou Geraldi (2014), sendo assim a quem interessa uma nação sem instrução? Gontijo em suas obras afirma e reafirma o potencial de transformação presente na alfabetização:

Assim, é importante acentuar que a compreensão da alfabetização deve levar em conta, sobretudo, os contextos históricos e sociais em que ela ocorre e, desse modo, precisa ser concebida como prática social e cultural que se desenvolve de diferentes maneiras, em diferentes contextos, para atender as finalidades específicas dos grupos humanos que utilizam a leitura e a escrita para fins sociais, profissionais, entre outros. Porém, não se pode perder de vista que a alfabetização precisa tornar-se um elemento fundamental para a libertação e mudança social. (GONTIJO, 2014, p.14).

No capítulo seguinte aprofundaremos um pouco mais as reflexões feitas em torno das produções da professora líder do grupo *Alfabetização, leitura e escrita* da UFES, adentrando nos resumos de suas orientações de teses e dissertações.

4. CONTRIBUIÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA *ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA/UFES*

Para iniciar esse capítulo retomaremos o objetivo geral da nossa pesquisa: Aprofundar conhecimentos em torno das produções de livros e artigos da professora Dra. Cláudia Maria Gontijo, bem como, das produções de teses e dissertações por ela orientadas em seu grupo de pesquisa *Alfabetização, Leitura e Escrita*, da Universidade Federal do Espírito Santo.

Recapitulamos que foi a partir do Diretório dos Grupos de Pesquisa da plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/Brasil Lattes, na busca realizada na pesquisa na condição de bolsista PIBIC, que chegamos ao grupo *Alfabetização, Leitura e Escrita/UFES* que é coordenado por Cláudia Gontijo.

Assim, alinhadas com os objetivos da pesquisa da professora Cida e a partir dos objetivos delineados para este trabalho, propomo-nos a mapear as produções de teses e dissertações realizadas pelo grupo de pesquisa da UFES, no período de 2013 a 2021, orientadas por Cláudia Gontijo e analisar os resumos decorrentes dessa produção.

Salientamos que escolhemos analisar as produções e os resumos das teses e dissertações orientadas pela Profª. Cláudia Maria Gontijo, coordenadora (líder) do grupo, pois partimos do pressuposto que todos estes orientandos participam ou participaram, durante sua formação, daquele grupo de pesquisa, caracterizando-se assim como produções deste grupo e se relacionam com as temáticas e conceitos defendidos pela autora e já apresentados neste trabalho.

Em vista da importância de uma reflexão acerca dos conceitos presentes nos resumos, procuramos averiguar a concepção de alfabetização que apontam, buscando os conceitos relacionados a uma compreensão de alfabetização que considera a linguagem como interação humana e como processo discursivo explicitados nos trabalhos, assim como as temáticas e as metodologias utilizadas na intenção de que esta aproximação possa contribuir para aprofundarmos nossos estudos e reafirmarmos nossa própria concepção de alfabetização.

Ao pesquisar sobre este grupo específico no Diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) encontramos o seguinte enunciado no tópico *Repercussões do grupo*: “O grupo realiza pesquisas sobre alfabetização, leitura e escrita, com ênfase nos processos de aprendizagem, história da alfabetização e da leitura e políticas de alfabetização”. Esse enunciado é o mesmo que está escrito na única linha de pesquisa do grupo que já mencionamos: Educação e Linguagens.

A partir do recorte estabelecido de 2013/2021, foram encontrados um total de 17 trabalhos, sendo 13 teses e 4 dissertações a partir do Currículo Lattes da professora e para encontrar os resumos dos trabalhos, fizemos a busca no Repositório Institucional da UFES. Por esse caminho encontramos os resumos de 12 trabalhos e como estratégia para conseguir os que faltavam e não encontramos por nenhum outro caminho online, entramos em contato com os autores por meio da Plataforma Lattes, porém, só tivemos resposta de duas autoras e, por isso, os 3 trabalhos que não tivemos acesso estarão no quadro que organizamos, mas sem o seu resumo e, portanto, sem compor a análise.

Diante desses 14 trabalhos com seus respectivos resumos, sendo 3 dissertações e 11 teses, construímos dois quadros para melhor organização e para facilitar a análise. No primeiro descrevemos o nome de cada autor, com o título de seu trabalho e o respectivo resumo (Anexo 4). No outro quadro (presente no corpo deste trabalho), descrevemos o nome de cada autor, os conceitos e perspectivas que apontam nos resumos e autores que referenciaram nas suas pesquisas.

Diante do exposto no Quadro 5 (Anexo 4), percebemos a partir dos resumos encontrados, que todos estão bem completos, apresentando informações relevantes e fundamentais sobre o trabalho, como os objetivos, a metodologia e os autores em que se fundamentaram. Dessa forma, conseguimos ter um panorama da pesquisa realizada. A seguir, buscaremos em um primeiro momento explicitar a temática abordada nos trabalhos analisados, na intenção de verificar se há relação com o foco de nossa pesquisa, ou seja, com a temática da alfabetização de crianças.

O resumo da dissertação de Endlich (2014), mostra que sua pesquisa busca analisar as concepções de alfabetização, leitura e escrita subjacentes a Provinha Brasil no recorte por ela estabelecido e também o panorama em que este programa é produzido. A pesquisa de Endlich (2014) trabalha com a temática da alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental ao investigar a Provinha Brasil, criada para responder as demandas de avaliação da alfabetização provenientes de organismos internacionais que tem como objetivo avaliar o nível de alfabetização dos alunos. A autora, assim como Gontijo em seus trabalhos publicados, critica a Provinha Brasil e afirma que esta contribui para a subtração das potencialidades políticas e transformadoras do aprendizado da língua materna no país.

Já Ferreira (2014) tem como temática da sua dissertação estudar os impressos do Projeto Trilhas, um material pedagógico produzido em parceria entre o Instituto Natura, a

Comunidade Educativa CEDAC e o Ministério da Educação. Problematisa como esse conjunto de materiais pode contribuir no processo do ensino e da aprendizagem das crianças matriculadas nas turmas do primeiro ano do Ensino Fundamental.

Perovano (2019) buscou compreender a proposta pedagógica concretizada nos livros do programa Alfa e Beto de Alfabetização, dirigidos aos docentes e às crianças do 1º ano do ensino fundamental, publicados no ano de 2004, e afirma que a proposta pedagógica do programa apesar de dizer em seu texto que está ancorado em bases científicas modernas e eficazes, na prática, reduz a linguagem escrita a um código e os sujeitos a meros receptores passivos.

A tese de Costa (2013) tem como tema um estudo de caso que objetiva discutir a seguinte tese: no processo inicial da alfabetização, as crianças escrevem textos para dialogar com o outro. A autora conclui que as crianças, ao escreverem para se comunicar com o outro, realizam seus projetos discursivos por meio da escrita de enunciados carregados de suas histórias de vida, seus conflitos, afetos, desejos e nesse contexto, as crianças também dialogam a respeito de suas ideias sobre o sistema de escrita, realizando reflexões sobre os aspectos discursivos e linguísticos da linguagem escrita.

O Trabalho de Campos (2013) tem como objetivo analisar as experiências históricas da alfabetização ocorridas no Espírito Santo no período que esteve sob a égide do Regime Militar. A pesquisa de Góes (2014) tem por objetivo investigar as relações entre desenho e escrita elaboradas por crianças de quatro anos de idade que frequentavam uma instituição de educação infantil. Já Rodrigues (2014) buscou investigar a história da alfabetização de surdos no Espírito Santo, nas décadas de 1950 a 1970.

Côco (2014) tem como temática a avaliação externa na alfabetização e a partir do Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo – Alfabetização (Paebes-Alfa) tem como objetivo do estudo compreender os sentidos produzidos para essa avaliação no contexto das práticas de alfabetização.

O trabalho da Cornélio (2015) tem por objetivo compreender mudanças e/ou permanências nas propostas dos livros didáticos de alfabetização com a adoção da perspectiva do letramento como norteadora das políticas de alfabetização em nível federal.

A pesquisa de Antunes (2015) busca analisar as políticas de alfabetização implementadas nos anos 2000 pelo Governo Federal e compreender os conceitos de alfabetização e de letramento que ancoram o Programa Pró-Letramento: Programa de

Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental, com ênfase na análise do currículo e da avaliação diagnóstica propostos.

Costa (2017) tem como tema compreender os conceitos de alfabetização e de letramento que balizam a formação de professores alfabetizadores no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic).

Dias (2019) busca compreender a partir do Projeto Principal de Educação para a América Latina e o Caribe (PPE), os consensos pactuados pelos países da região, especificamente os destinados à alfabetização de crianças. A autora Investiga os encaminhamentos direcionados à apropriação da leitura e da escrita pelas crianças, que atravessaram as metas estabelecidas pelo PPE (1980-2000) e para isso, examina 50 Boletins produzidos pela Unesco na vigência do projeto.

Já em sua tese, Endlich (2019) tem como objetivo geral compreender, ativa e responsivamente, os discursos da Unesco, no período 1980-2012, em prol da avaliação da alfabetização, e como eles dialogam com o contexto brasileiro. Por fim, Tavares (2020) tem por objetivo em seu trabalho mapear dissertações e teses brasileiras produzidas no período de 1992 a 2016, no campo da Educação/Ensino em Ciências, disponíveis na Biblioteca Digital de teses e dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Cultura (Ibicit).

Dos trabalhos que tiveram os resumos analisados, o trabalho de Goés (2014) Rodrigues (2014) e Tavares (2020) são os que mais se distanciam do nosso foco de pesquisa. Goés (2014), apesar de buscar as relações entre escrita e desenho, tem como campo de estudo crianças na educação infantil e não nos anos iniciais. Rodrigues, pesquisa sobre a história da alfabetização das crianças surdas no Espírito Santo, um tema relevante e importante, mas sua temática principal foge do escopo do trabalho. E por fim, Tavares (2020) que amplia sua busca para a temática da educação ao mapear as teses e dissertações de 1992 a 2016.

Em relação à metodologia utilizada, 9 trabalhos se caracterizam como documental. O trabalho de Endlich (2014) se caracteriza como documental por buscar analisar a Província Brasil e as concepções de alfabetização, leitura e escrita nela presentes. Ferreira (2014) por estudar e problematizar um conjunto de materiais pedagógicos elaborados em parceria com diferentes entidades e como esses materiais podem contribuir no processo de alfabetização. A tese de Campos (2013) reuniu documentos das mais variadas fontes e a partir da sua análise revelou que durante as décadas de 1960, 1970 e 1980, as ações empreendidas na alfabetização

destinavam-se a corrigir questões como a falta de vagas para alunos em idade escolar, o elevado índice de reprovação que gerava a distorção idade-série e da evasão escolar.

Rodrigues (2014) investiga seu tema de pesquisa a partir da análise de documentos escolares, textos jornalísticos, cartilhas, materiais pedagógicos e documentos oficiais. Cornélio (2015) caracteriza seu trabalho como um estudo documental, pautado pela perspectiva dialógica, ao investigar as mudanças e/ou permanências nas propostas dos livros didáticos de alfabetização. Realiza estudo dos PNLDs 2007 e 2010, análise dos editais, dos Guias de livros didáticos, das obras mais e menos distribuídas pelo Ministério da Educação e dos Manuais dos professores dos respectivos programas.

Antunes (2015) analisa as políticas de alfabetização implementadas nos anos 2000 pelo Governo Federal, com ênfase na análise do currículo e da avaliação diagnóstica propostos. Costa (2017) tem como metodologia a pesquisa documental ao analisar os cadernos de formação do Pnaic da área de linguagem distribuídos pelo Ministério da Educação (MEC). Já Dias (2019) e Endlich (2019) tem como corpus documentos publicados pela Organização das Nações Unidas para a Educação (Unesco), em especial os boletins do Projeto Principal de Educação para América Latina e Caribe (PPE).

Já os trabalhos de Costa (2013), Côco (2014), e Góes (2014) são estudos de caso. A pesquisa de Costa (2013) é um estudo de caso realizado em uma instituição de Ensino Fundamental do Sistema Municipal de Vila Velha/ES em que analisa os textos produzidos pelas crianças. O trabalho de Côco (2014) trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, estruturada na modalidade estudo de caso a partir de fontes documentais e de ações de avaliação externa da área de Língua Portuguesa, realizadas em salas de aula de 1º e 2º anos do ensino fundamental, do Sistema Municipal de Ensino da Serra/ES. E a pesquisa de Góes (2014) é uma investigação qualitativa no campo das Ciências Humanas que busca compreender as situações de ensino-aprendizagem vivenciadas pelas crianças e pela professora em uma sala de atividades.

Perovano (2019) caracteriza sua pesquisa como qualitativa de cunho documental ao buscar compreender os documentos produzidos pelo programa Alfa e Beto de Alfabetização e o contexto de produção dos livros desse programa e Tavares (2020) que realiza uma pesquisa bibliográfica ao fazer uma revisão dos trabalhos de teses e dissertações publicados de 1992 a 2016.

Como podemos observar quase todos os trabalhos utilizam como metodologia à pesquisa documental, em que investigam nos documentos e materiais produzidos para alfabetização, as concepções de alfabetização e educação defendidas. Pelos resumos e temas dos trabalhos, é possível perceber diálogos bem construídos com os artigos e livros da Gontijo aprofundados neste TCC, em que a crítica ao discurso homogeneizador e a redução da linguagem escrita como código se fazem presentes, bem como, a defesa da alfabetização que considera os aspectos discursivos da linguagem.

Diante dessas informações, construímos outro quadro com dados mais sucintos, trazendo apenas os principais conceitos e autores que fundamentaram as pesquisas analisadas e que estão explícitos nos resumos:

Quadro 6: Conceitos e autores que fundamentaram as pesquisas do grupo *Alfabetização, Leitura e Escrita*

Autor/a	Principais conceitos/perspectivas teórico-metológicas	Autores explicitados no resumo
Ana Paula Rocha Endlich (Dissertação 2014)	Gênero discursivo; Discurso homogeneizador ; Conceito de alfabetização em Gontijo.	Bakhtin Gontijo
Luiz Costa Ferreira (Dissertação 2014)	Perspectiva bakhtiniana de linguagem; Conceito de alfabetização em Gontijo.	Bakhtin Gontijo
Nayara Santos Perovano (Dissertação 2019)	Perspectiva bakhtiniana de linguagem; Texto/Enunciado; Alfabetização.	Bakhtin
Dânia Vieira de Monteiro Costa (Tese 2013)	Perspectiva Enunciativo – Discursiva; Perspectiva bakhtiniana de linguagem; Enunciado; Aprendizagem e desenvolvimento; Discurso; Alfabetização .	Bakhtin Vigostki
Dulcinéa Campos (Tese 2013)	Perspectiva histórico – cultural e crítica; Método dialógico; alfabetização.	Bakhtin
Margarete Sacht Góes (Tese 2014)	Perspectiva enunciativo-discursiva; linguagem; Relação de ensino-aprendizagem; Interação verbal; Apropriação da linguagem escrita; Desenho; Dialogismo.	Bakhtin
Ednalva Gutierrez	Linguagem; enunciado.	Marc Bloch

Rodrigues (Tese 2014)		Bakhtin
Dilza Côco (Tese 2014)	Perspectiva discursiva de linguagem; Sociologia política; Alfabetização.	Bakhtin Stephen J. Ball
SheniaD'arcVenturim Cornélio (Tese 2015)	Abordagem enunciativo-discursiva; perspectiva dialógica; Abordagem bakhtiniana de linguagem; Enunciado; alfabetização.	Bakhtin
Janaína Silva Costa Antunes (Tese 2015)	Alfabetização; Letramento; Linguagem	Bakhtin
KairaWalbiane Couto Costa (Tese 2017)	Alfabetização; Letramento; Perspectiva histórico – cultural.	Bakhtin
Fabricia Pereira De Oliveira Dias (Tese 2019)	Perspectiva bakhtiniana de linguagem; Perspectiva discursiva; Enunciados; Alfabetização infantil.	Bakhtin
Ana Paula Rocha Endlich (Tese 2019)	Enunciado; Discurso; Alfabetização; Processo dialógico;	Bakhtin
Mari Inêz Tavares (Tese 2020)	Perspectiva bakhtiniana de linguagem; Teoria crítica da educação;	Bakhtin

Fonte: Quadro elaborado pela própria autora do Trabalho de Conclusão de Curso.

Em relação aos autores que foram utilizados na pesquisa como base teórica, todos indicaram nos resumos Bakhtin como referência. Apenas Costa (2013), Endlich (2014), Ferreira (2014) Côco (2014) e Rodrigues (2014) indicaram autores diferentes. Costa (2013) indicou como referencial teórico Bakhtin e Vigotski. Endlich (2014) e Ferreira (2014) trouxeram além de Bakhtin, Gontijo como referencial que se fundamenta na teoria bakhtiniana. Já Côco (2014) trouxe em seu resumo como referencial teórico o sociólogo Stephen J. Ball, professor do Instituto de Educação da Universidade de Londres e pesquisador

da área de política educacional. E Rodrigues (2014) trouxe Marc Bloch, um importante professor e historiador francês que foi um dos fundadores da Escola dos Annales¹³.

Ao iniciarmos nossa pesquisa das publicações da professora Gontijo e também do grupo *Alfabetização, Leitura e Escrita* da universidade Federal do Espírito Santo, tínhamos a expectativa de encontrar mais referências de Vigotski, que aparece em algumas obras de Gontijo (2002; 2003; 2020) e no resumo de Costa (2013).

Diante da maioria dos trabalhos aprofundados e dos resumos de teses e dissertação do grupo de pesquisa, constatamos perante os dados dos trabalhos encontrados dos últimos nove anos (2013-2021), que este grupo de pesquisa se apoia, principalmente, na concepção enunciativa de linguagem de Bakhtin.

Alguns dos conceitos da perspectiva enunciativa que mais aparecem nos resumos são: Perspectiva bakhtiniana de linguagem, Abordagem enunciativo-discursiva, Processo dialógico, Perspectiva dialógica, Método dialógico, enunciado, discurso, gênero discursivo.

Como já trazido anteriormente sobre a concepção bakhtiniana, o enunciado é a linguagem, em sua manifestação oral ou escrita, que se constitui a partir das interações entre os sujeitos. Amorim (2018) explica em sua pesquisa que os enunciados são dirigidos a alguém, mesmo que o interlocutor não esteja presente fisicamente. Podemos pensar em um *outdoor* que é colocado em uma rodovia com o objetivo de as pessoas lerem determinado anúncio, desse modo, “todos os enunciados se caracterizam como diálogos, produzidos em diversificados contextos sociais.” (AMORIM, 2018, p.19).

Amorim (2018) também explica que para Bakhtin o desenvolvimento humano se dá pelas interações que cada sujeito estabelece com seu grupo social e a cultura a qual pertence, ou seja, compreendia que o ser humano é ser histórico e social. Assim os enunciados não são individuais, já que é por meio das relações com as pessoas que convivemos desde o nosso

¹³A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX. A historiografia passou por grandes modificações metodológicas que permitiram maior conhecimento do cotidiano do passado, através da incorporação de novos tipos de fontes de pesquisa. Ainda assim, no início do século XX, questionava-se muito sobre uma historiografia baseada em instituições e nas elites, a qual dava muita relevância a fatos e datas, de uma forma positivista, sem aprofundar grandes análises de estrutura e conjuntura. Em 1929, surgiu na França uma revista intitulada *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch. Ao longo da década de 1930, a revista se tornaria símbolo de uma nova corrente historiográfica identificada como Escola dos Annales. A proposta inicial do periódico era se livrar de uma visão positivista da escrita da História que havia dominado o final do século XIX e início do XX. O novo movimento historiográfico foi muito impactante e renovador, colocando em questionamento a historiografia tradicional e apresentando novos e ricos elementos para o conhecimento das sociedades. Disponível em: Escola dos Annales - Historiografia - InfoEscola

nascimento que vamos produzindo novos enunciados e, por isso, é importante considerar o enunciado como social e dialógico.

Segundo Amorim (2018, p.20) “os enunciados/discursos são organizados em gêneros discursivos de acordo com o contexto social no qual foram desenvolvidos e depende das intenções dos próprios locutores”, ou seja, segundo a teoria bakhtiniana, os gêneros discursivos organizam os enunciados. Podemos refletir aqui, por exemplo, as características específicas e diferentes de um artigo para um texto produzido em uma rede social, em que ambos são enunciados, porém se organizam de maneira distinta e com objetivos diferentes. Segundo Machado (2008, p. 157), “Os gêneros discursivos são formas comunicativa que não são adquiridas em manuais, mas sim nos processos interativos” (apud AMORIM, 2018, p.21).

É nessa perspectiva que Gontijo (2002) defende a historicidade da alfabetização como um processo de produção de sentidos, por meio do trabalho da leitura e da escrita. Segundo Bakhtin (apud GONTIJO, 2002, p. 01), “[...] penetrar no mundo da linguagem escrita é penetrar no mundo da cultura, no interior das relações sociais existentes, porque a língua é material e instrumento de si mesma, produzida na interação social”. Portanto, Gontijo compreende a alfabetização como um processo em que a criança se insere na história do gênero humano e busca a partir de suas pesquisas e reflexões romper com as concepções de alfabetização que naturalizam o desenvolvimento da leitura e da escrita nas crianças.

Gontijo ancorada em Bakhtin reflete o processo de alfabetização como uma prática social e cultural, dialógica, complexa e dinâmica e é a partir dessa compreensão que consideramos imprescindível que a criança se relacione com distintos contextos sociais, conheça diferentes gêneros discursivos, pois por meio dos seus usos, aumentará sua compreensão a ações em relação ao mundo. Nesta concepção,

A alfabetização é um processo sócio-histórico e cultural que realiza a necessidade fundamental das crianças e dos seres humanos de inserção na genericidade para-si. A alfabetização, como dinâmica da relação entre apropriação e a objetivação, é um processo de inserção dos indivíduos na continuidade da história. (GONTIJO, 2002,p.132).

Antes de chegarmos às considerações finais, é possível sintetizar que as reflexões realizadas a partir dessa pesquisa, por meio dos artigos, livros e resumos de teses e dissertações analisados e aprofundados, que houve uma contribuição significativa para minha formação pedagógica, visto que as reflexões quanto à alfabetização como um processo histórico social e dialógico de inserção da criança no mundo da linguagem escrita, foram importantes para compreensão da alfabetização como um processo que deve possibilitar que o

sujeito reflita sob a realidade para transformá-la. Como afirma Gontijo (2003, p.144) “incorporar a escrita como uma tarefa relevante à vida significa, sobretudo, que essa atividade deve ser orientada para a própria criança e para os outros”.

Assim, defendemos que a alfabetização não deve ser reduzida como um processo mecânico, pois é resultado da prática e da vida social e, por isso, é importante trabalhar com diferentes gêneros discursivos, de forma que as crianças se sintam motivadas a aprender e, assim, possam compreender e atuar com criticidade na realidade que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar essa pesquisa, além de desafiador, foi de grande valia e contribuição para minha trajetória acadêmica. Como exposto na introdução deste trabalho, o desenvolvimento dessa pesquisa está vinculado aos projetos de pesquisa da professora Maria Aparecida Lapa de Aguiar, da qual sou/fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) desde o final de 2018. Tive a oportunidade de construir em conjunto com a professora um consistente desenvolvimento da pesquisa e também estudos, bem como participar do 29º, 30º e 31º Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica (SIC).

Ao longo da realização da pesquisa, pude aprofundar meu conhecimento sobre a alfabetização, a linguagem, a formação de professores e as práticas pedagógicas. Também pude me aproximar da abordagem histórico-cultural e da abordagem discursiva de linguagem por meio das leituras indicadas, por meio da participação no Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Práticas de Ensino (FOPPE) e no Grupo de Estudos organizado pela orientadora.

A oportunidade de inserção no projeto da profa. Cida como bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) foi uma grande experiência e me agregou muitos conhecimentos significativos para além da temática específica da alfabetização, área pela qual criei grande apreço e deu origem a este TCC. Por meio da pesquisa da professora Cida e bolsa PIBIC/CNPQ, pude apreender mais sobre a temática estudada, sobre o que é uma pesquisa, a desenvolver textos acadêmicos, além de conhecer outros pesquisadores e estar em espaços formadores além da sala de aula, o que me trouxe grande desejo de realizar um futuro mestrado e continuar minha formação.

Estar no projeto de iniciação científica possibilitou a construção de um trabalho em conjunto com a orientadora, que como já dito, foi submetido e aprovado no V Congresso Brasileiro de Alfabetização (V CONBALF), o qual tivemos a oportunidade de apresentá-lo e também produzimos um artigo para Revista Brasileira de Alfabetização.

Inicialmente este Trabalho de Conclusão de Curso estaria vinculado somente à primeira pesquisa da professora Cida, que teve com recorte temporal 2017- 2021 e se relaciona com o 4º capítulo desenvolvido neste trabalho. Após um diálogo com a orientadora e pela minha trajetória longa como Bolsista PIBIC, chegamos à conclusão que haveria fôlego e potencial vincular também a nova pesquisa iniciada em 2021.

E assim iniciamos este trabalho com a seguinte questão norteadora: Quais contribuições que as produções da professora Dra. Cláudia Maria Mendes Gontijo e que o grupo de pesquisa *Alfabetização, Leitura e Escrita* da universidade Federal do Espírito Santo, coordenado por ela, tem oferecido para pensar a alfabetização no contexto educacional brasileiro? E como objetivo geral delineamos o desejo de: Aprofundar conhecimentos em torno das produções de livros e artigos da professora Dra. Cláudia Maria Gontijo, bem como, das produções de teses e dissertações por ela orientadas em seu grupo de pesquisa.

No desenvolvimento da pesquisa, à medida que íamos aprofundando as obras da professora Gontijo e também os resumos das teses e dissertações, dos(as) quais muitos autores(as) são coautores(as) dos artigos publicados, concluímos que os principais referenciais são a teoria enunciativa de Bakhtin e a perspectiva histórico-cultural de Vigotski. Dessa maneira, concluímos que o grupo de pesquisa *Alfabetização, Leitura e Escrita*, bem como a professora Cláudia Gontijo, defendem a alfabetização na perspectiva histórico-cultural e discursiva.

Nossa identificação teórico-metodológica, também de base vigotskiana e bakhtiniana, vai ao encontro da linguagem como interação humana, ou seja, como produto da relação do ser humano com a vida, como o trabalho de apropriação do que lhe rodeia, que o torna aquilo que é em meio às relações que estabelece com os outros seres humanos.

Em síntese, investigar a produção do grupo *Alfabetização, Leitura e Escrita* e a produção da professora Cláudia leva-nos a um conjunto de referências de autores(as) consagrados(as) na área específica da alfabetização, alguns dos quais, inclusive, são pesquisadores(as) e orientadores(as) em atividade nas universidades públicas e em contato direto com redes de ensino Brasil afóra. Alguns autores (as) que para além de Bakhtin e Vigotski, são referenciados: Ana Luíza Smolka, Cancionila Janzkovski Cardoso, Maria do Rosário Mortatti, Paulo Freire, João Wanderley Geraldi, Magda Soares, Luria, Leontiev, Agnes Heller e Newton Duarte.

Partindo da compreensão de que somos sujeitos sociais e históricos, constituídos e produtores da história, Gontijo e seus orientandos aprofundam a temática da alfabetização a partir de uma abordagem histórica e política atuando principalmente nos seguintes temas: alfabetização, políticas de alfabetização, história da alfabetização de crianças e a partir dessas temáticas trazem importantes reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, os currículos, as perspectivas de alfabetização e as políticas públicas.

Com base no material estudado, compreendemos que a alfabetização é um campo de disputas políticas e ideológicas, uma problemática que também é histórica, social e econômica, em que os currículos e documentos produzidos são escolhas seletivas. Sendo assim, discutir a alfabetização é fundamental para defesa da alfabetização que acreditamos, que é possibilitar a construção da significação social da escrita.

Gontijo ao defender a alfabetização como um processo discursivo, histórico, humano, social, crítico e também político, aponta ser fundamental promover situações em que as crianças sejam autoras, que produzam textos orais e escritos, para uma formação humana e não utilitária, indo na contramão de documentos oficiais que tem enfatizado a escrita como uma técnica e reduzido a alfabetização meramente à codificação e decodificação.

Assim, vimos que Gontijo é bastante crítica ao afirmar que a alfabetização deve possibilitar que a criança reflita com consciência sobre a realidade, transformando-a e se transformando como sujeito sócio-histórico e que para isso é fundamental reconhecer as crianças e seus discursos. Por isso é importante ouvir e valorizar o que a criança tem a dizer, construindo espaços de trocas, ou seja, constituindo com as crianças relações dialógicas. Assim, parafraseando Goulart (2019) precisamos tomar as enunciações das crianças como base para realização das atividades da sala de aula, promovendo situações que as crianças sejam autoras e as práticas pedagógicas carregadas de sentidos.

Ter realizado esta pesquisa e ter sido Bolsista PIBIC foram fundamentais para minha apropriação de novos conhecimentos e reflexão da temática da alfabetização. Fazer uma aproximação da perspectiva discursiva será de grande valia para minha ida para sala de aula. Discutir princípios teóricos como as concepções de criança e alfabetização defendidas pela professora Cláudia Gontijo contribuíram para fomentar minhas práticas e não perder de vista a alfabetização mergulhada dos seus sentidos, já que é fundamental que façamos reflexões a partir de bases que assegurem este processo, reconhecendo as crianças como seres sociais que estão inseridos em práticas de leitura e escrita.

Não poderia encerrar essa pesquisa sem refletir que, assim como faltam políticas de investimento na educação básica, também faltam no ensino superior das universidades públicas brasileiras. Ter sido Bolsista PIBIC foi uma grande oportunidade, mas infelizmente muitos colegas e estudantes do ensino superior não podem vivenciá-la pela falta de bolsas e condições objetivas de sobrevivência. Assim, reflito nas condições de formação dos(as) professores(as) alfabetizadores(as) que também refletem na sala de aula do cotidiano e na

importância de continuarmos fazendo a defesa pela educação pública, gratuita e de qualidade em todos os níveis de educação, bem como, continuar estudando a alfabetização, a partir de abordagens históricas, políticas e sociais.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Patrícia de. **Alfabetização na perspectiva histórico-cultural**:Produções do grupo de pesquisa “Linguagem, Cultura e Práticas Educativas” da Universidade Federal Fluminense (Niterói/RJ).Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.

ANTUNES, Janaína Silva Costa. **Um olhar sobre o pró-letramento**. Tese (Doutorado em Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2015.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. (V.N. Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**.8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

Campos, Dulcinea. **Alfabetização de crianças no Espírito Santo em tempos de Ditadura Militar**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2013.

CÔCO, Dilza. **Avaliação da alfabetização: o PAEBS-Alfa no Espírito Santo**.Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2014.

CÔCO, Dilza; GONTIJO, Cláudia MARIA Mendes. Avaliação externa nas classes de alfabetização no Espírito Santo. **Pró-Posições**(UNICAMP. ONLINE), v. 28, p. 63-87, 2017.

CÔCO, Dilza ; GONTIJO, C. M. M.Leitura e alfabetização. **Série-Estudos(UCDB)**, v. 1, p. 151-164, 2011.

CORNÉLIO, SheniaD’arcVenturim. **Perspectiva do Letramento: Mudanças e Permanências nos Livros Didáticos de Alfabetização**.Tese (Doutorado em Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2015.

COSTA, D. M. V.; GONTIJO, C. M. M. Produção de textos e processo inicial de alfabetização. **ACTA SCIENTIARUM. EDUCATION** (ONLINE), v. 39, p. 421-430, 2017.

COSTA, Dania Monteiro de Vieira; GONTIJO, C. M. M. A Linguagem oral como elemento integrante da brincadeira. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas. Impresso), v. 41, p. 268-269, 2011.

COSTA, KairaWalbiane Couto. **Cadernos de formação do Pnaic em Língua Portuguesa: concepções de alfabetização e de letramento**. Tese (Doutorado em Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2017.

COSTA. Dânia Vieira de Monteiro. **A escrita para o outro no processo de alfabetização**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Espírito Santo, 2013.

DIAS, Fabricia Pereira de Oliveira. **O projeto de educação para a América Latina e o Caribe (1980-2000) e a alfabetização de crianças**. Tese (Doutorado em Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Espírito Santo, 2019.

ENDLICH, Ana Paula Rocha. A qualidade que queremos na alfabetização. In: III Simpósio em alfabetização, leitura e escrita, 2013, Espírito Santo. **Leitura e produção de textos: a qualidade que queremos.** Disponível em: 1-a-qualidade-que-queremos-na-alfabetizac3a7c3a2o.pdf. Acesso em: 30 Jan. 2022.

ENDLICH, Ana Paula Rocha. **Diálogos sobre a Alfabetização, a Leitura e a Escrita no Programa Provinha Brasil.** Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2014.

ENDLICH, Ana Paula Rocha. **Os discursos da Unesco e a avaliação infantil na América Latina e o Caribe (1980-2012):** diálogo com o contexto brasileiro. Tese (Doutorado em Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2019.

FERREIRA, Luiz Costa. **Concepções de alfabetização, leitura e escrita que ancoram o Projeto Trilhas.** Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo, Espírito Santo, 2014.

FREITAS, Luis Carlos de. **Lições da privatização na educação /** Avaliação Educacional – Blog do Freitas. Disponível em: <<https://avaliacaoeducacional.com/2020/10/15/licoes-da-privatizacao-na-educacao/>>. Acesso em: 20 de Out. de 2020.

FREITAS, Luis Carlos de. **Privatizar é deixar a formação nas mãos do mercado/** Avaliação Educacional – Blog do Freitas. Disponível em: <<https://avaliacaoeducacional.com/2019/04/16/privatizar-e-deixar-a-formacao-nas-maos-do-mercado/>>. Acesso em: 20 de Out. de 2020.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola.** Educ. Soc., Campinas, v. 35, n. 129, p. 1085-1114, dez. 2014.

FUKS, Rebeca. Marc Bloch: Historiador francês. **eBiografia.** 2020. Disponível em: Biografia de Marc Bloch - eBiografia. Acesso em: 30 Jan. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas S.A, 2009 (4 edição).

GÓES, M. S.; GONTIJO, C. M. M. Relações entre desenho e escrita no processo de produção textual. **EDUCACAO UNISINOS (ONLINE)**, v. 21, p. 223-232, 2017.

GÓES, Margarete Sacht. **As relações entre desenho e escrita no processo de apropriação da linguagem.** Tese (Doutorado em Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2014.

GONTIJO, C. M. M. A alfabetização no Espírito Santo (1882 a 1889). **Cadernos de Pesquisa em Educação.** PPGE/UFES, Vitória, v. 15, p. 23-48, 2009.

GONTIJO, C. M. M. A apropriação da linguagem escrita. In: Sérgio Antônio da Silva Leite. (Org.). **Alfabetização e letramento:** contribuições para as práticas escolares. 1ed. Campinas: Komedi, 2001, p. 99-128.

- GONTIJO, C. M. M. **A escrita infantil**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2008. v. 1. 208p.
- GONTIJO, C. M. M. Alfabetização na prática educativa. **Caderno do Professor** (Belo Horizonte), v. 1, p. 07-16, 2006
- GONTIJO, C. M. M. Alfabetização no Espírito Santo: o método mútuo ou monitorial. **Educar em Revista** (Impresso) **JCR**, v. 1, p. 141-158, 2011.
- GONTIJO, C. M. M. **Alfabetização**. 1. ed. Vitória: Núcleo de Educação Aberta e a Distância, UFES, 2004. v. 1. 88p.
- GONTIJO, C. M. M. **Alfabetização: a criança e a linguagem escrita**. 1. ed. Campinas: Editora e Autores Associados, 2003. v. 1. 155p.
- GONTIJO, C. M. M. **Alfabetização: políticas mundiais e movimentos nacionais**. 1. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2014. 145p.
- GONTIJO, C. M. M. Apropriação da linguagem, escrita e ensino. **Conjectura: filosofia e educação** (UCB), v. 14, p. 13-30, 2009.
- GONTIJO, C. M. M. As conferências/aulas de Silva Jardim sobre o método João de Deus na província do Espírito Santo (1882). **Cadernos de Pesquisa em Educação**. PPGE/UFES, Vitória, v. 1, p. 126-123, 2007.
- GONTIJO, C. M. M. **As crianças e a linguagem escrita**. Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 4, 2003.
- GONTIJO, C. M. M. As primeiras escritas de uma criança. **Cadernos de Pesquisa em Educação**. PPGE/UFES, Vitória, v. 1, n.1, p. 121-138, 2005.
- GONTIJO, C. M. M. Avaliação da alfabetização: Provinha Brasil. **Educação e Pesquisa** (USP. Impresso), v. 38, p. 603-622, 2012.
- GONTIJO, C. M. M. Dimensão política da alfabetização. In: Ana Lúcia Horta Nogueira; Adriana Lia Frizman de Laplane. (Org.). **Leitores e leituras: explorando as dobras do (im)possível**. 1ed. Campinas: Leitura crítica, 2017, v. 1, p. 183-204.
- GONTIJO, C. M. M. Educação. **Brasil em Números** (Edição em Inglês. Impresso), v. 21, p. 117-136, 2013.
- GONTIJO, C. M. M. Lembrar: nomes e formas das letras. **Série-Estudos (UCDB)**, Campo Grande, v. 01, p. 63-78, 2005.
- GONTIJO, C. M. M. O aprendizado da escrita e sua relação com a capacidade de análise de unidades da linguagem oral. **Revista Pedagógica** (Chapecó), Argos, v. 1, n.1, p. 47-81, 2006.
- GONTIJO, C. M. M. O conceito de apropriação na perspectiva histórico-cultural. **Série-Estudos (UCDB)**, Campo Grande, p. 45-60, 2001.

GONTIJO, C. M. M. O desenvolvimento da escrita em crianças na fase inicial de alfabetização. **Cadernos de Pesquisa em Educação**. PPGE/UFES, Vitória, v. 1, n.1, p. 109-129, 2002.

GONTIJO, C. M. M. O método do ensino da leitura e da escrita concretizado no método lição de coisas. **Educação & Sociedade** (Impresso), v. 32, p. 103-120, 2011.

GONTIJO, C. M. M. **O processo de alfabetização: novas contribuições**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2002. v. 1. 143p.

GONTIJO, C. M. M. Problemas ligados à avaliação escolar e soluções possíveis. In: Eliza Bartolozzi Ferreira. (Org.). **Política educacional do estado do Espírito Santo**. 1ed. Vitória: SEEB/SEDU, 2004, v. 1, p. 198-220.

GONTIJO, C. M. M. Programas de melhoria da qualidade da alfabetização: leitura crítica. **Acta Scientiarum**. Education (Print), v. 35, p. 271-282, 2013.

GONTIJO, C. M. M.. Alfabetização e a questão do letramento. **Cadernos de Pesquisa em Educação**. PPGE/UFES, Vitória, v. 1, p. 42-72, 2005.

GONTIJO, C. M. M.; Antunes, Janaina Silva Costa. DIÁLOGOS COM O PLANO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO (2019): CONTRAPALAVRAS. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 1, p. 32-38, 2020.

GONTIJO, C. M. M.; COSTA, D. V. M.; Oliveira, Luciana Domingos de. Conceito de alfabetização e formação de docentes. In: Margarete Sácht Góes; Janaina Silva Costa Antunes; Dania Monteiro Vieira Costa. (Org.). **Experiências de formação de professores alfabetizadores**. 1ed. São Carlos: Pedro & João, 2019, v. 1, p. 15-46.

GONTIJO, C. M. M.; COSTA, Dania Monteiro de Vieira. Apontamentos sobre o livro A criança na fase inicial de escrita: a alfabetização como processo discursivo. In: Cecilia M. A. Goulart; Cláudia Maria Mendes Gontijo; Norma Sandra de A. Ferreira. (Org.). **Alfabetização como processo discursivo: 30 anos de a criança na fase inicial de escrita**. 1ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017, v. 1, p. 85-98.

GONTIJO, C. M. M.; GOMES, S. C. **Escola primária e ensino da leitura e da escrita (alfabetização) no Espírito Santo (1870 a 1930)**. 1. ed. Vitória: EDUFES, 2013. v. 1. 242p.

GONTIJO, C. M. M.; GOMES, Sílvia Cunha. Educação primária, métodos de ensino e os livros de leitura no Espírito Santo (1890 a 1930). In: Cleonara Maria Schwartz; Eliane Perez; Isabel Cristina Alves da Silva Frade. (Org.). **Estudos de História da alfabetização e da leitura na escola**. 1ed. Vitória: EDUFES, 2009, v. 1, p. 253-290.

GONTIJO, C. M. M.; SILVA, D. C. Ações adotadas no Espírito Santo para vencer a repetência nas classes de alfabetização (1960-1970). **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, p. 1-22, 2019.

GONTIJO, C. M. M.; CAMPOS, Dulcinéa. Elementos para pensar a pesquisa em educação. In: Grupo Linguagem Interação e Conhecimento. (Org.). **A responsividade Bakhtiniana na educação, na estética e na política**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011, v. 1, p. 89-92.

GONTIJO, C. M. M.; CAMPOS, Dulcinéa. Bases nacionais para o ensino da leitura e da linguagem na escola primária (1949). **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, p. 307-328, 2014.

GONTIJO, C. M. M.; LEITE, S. A. S.A escrita como recurso mnemônico na fase inicial de alfabetização escolar: uma análise histórico-cultural. **Educação e Sociedade**, Campinas, p. 143-167, 2002.

GONTIJO, C. M. M.; SCHWARTZ, Cleonara Maria. (Des)caminhos da alfabetização no Brasil. In: Edwiges Zaccur. (Org.). **Alfabetização e letramento: o que muda quando muda o nome?**. 1ed.Rio de Janeiro: Rovel, 2011, v. 1, p. 33-50.

GONTIJO, C. M. M.; SCHWARTZ, Cleonara Maria. Considerações sobre o ensino da leitura e a aprendizagem da escrita. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 1, p. 39-58, 2015.

GONTIJO, C. M. M.; SCHWARTZ, Cleonara Maria. Estudos sobre a história da alfabetização e do ensino da leitura no Espírito Santo. In: Maria do Rosário Longo Mortatti. (Org.). **História da alfabetização no Brasil: história da sua história**. 1ed.Marília, SP: Oficina Universitária, 2011, v. 1, p. 155-176.

GONTIJO, CLÁUDIA MARIA MENDES. Alfabetização no ciclo inicial do ensino fundamental de nove anos: reflexões sobre as proposições do Ministério da Educação. **Cadernos CEDES** (Impresso), v. 33, p. 35-49, 2013.

GONTIJO, CLÁUDIA MARIA MENDES. Questões sobre metodologia de pesquisa. In: Bernd Fichtner; ErineuFoerste; Marcelo Lima; Gerda MargitSchütz-Foerste. (Org.). **Cultura dialética e hegemonia: pesquisas em educação**. 1ed.Vitória: EDUFES, 2012, v. 1, p. 251-282.

GONTIJO, CLÁUDIA MARIA MENDES; COSTA, DANIA MONTEIRO VIEIRA; PEROVANO, NAYARA SANTOS. Alfabetização na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Pró- Posições** (UNICAMP. ONLINE), v. 31, p. 1-21, 2020.

GONTIJO, CLÁUDIA MARIA MENDES; GÖES, MARGARETE SACT. Produção de textos com crianças na educação infantil. **Revista Educação** (PUCRS. ONLINE), v. 40, p. 209-218, 2017.

GOULART, Cecilia M. A.; GARCIA, Inez H. M.; CORAIS, Maria Cristina. **Alfabetização e Discurso: dilemas e caminhos metodológicos**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2019.

JUNIOR, Antônio Gasparetto. **Escola dos Annales**. InfoEscola. Disponível em:Escola dos Annales - Historiografia - InfoEscola. Acesso: 31 Jan. 2022.

MAINARDES, Jefferson. MARCONDES, Maria Inês. **Entrevista com Stephen J. Ball: um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional.** Educ.Soc., Campinas, v.30, n. 106, p.303-318, 2009. Disponível em: SciELO - Brasil - Entrevista com Stephen J. Ball: um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional Entrevista com Stephen J. Ball: um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional. Acesso em: 30 Jan. 2022.

MEDICI, Monica Cristina Medici. **Diálogos sobre a proposta de formação do Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC).** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2021.

MNEMÔNICO. In: Meus Dicionários. c2016. Disponível em: **Mnemônico** - Conceito, Definição e O que é Mnemônico (meusdicionarios.com.br). Acesso em: 11 Jan. 2022.

ONU. In: Conceito. De. c2011. Disponível em: **Conceito de ONU** - O que é, Definição e Significado. Acesso em: 11 Jan. 2022.

PEROVANO, Nayara Santos. **Proposta Pedagógica do Programa Alfa e Beto de Alfabetização.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2019.

PIFFER, Maristela Gatti; GONTIJO, C. M. M. Práticas de produção de textos. **Revista Eletrônica de Educação** (São Carlos), v. 5, p. 57-78, 2011.

PILOTO, Santiago Daniel Hernandez. **Cinema na escola: Compreendendo as produções de sentido nos textos (orais e escritos) das crianças no ciclo de alfabetização.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo, Espírito Santo, 2020.

RODRIGUES, Ednalva Gutierrez. **A alfabetização de surdos na história do Espírito Santo.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2014.

RODRIGUES, EDNALVA GUTIERREZ; GONTIJO, CLÁUDIA MARIA MENDES. Descentralização da educação de surdos no Brasil e seus desdobramentos no Espírito Santo. **Educação e Pesquisa** - Revista da Faculdade de Educação da USP, v. 43, p. 229-243, 2017.

RODRIGUES, EDNALVA GUTIERREZ; GONTIJO, CLÁUDIA MARIA MENDES; DRAGO, ROGÉRIO. Formação de Professores e Métodos de Ensino para Crianças Surdas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 26, p. 143-158, 2020.

SCHWARTZ, Cleonara Maria ; GONTIJO, C. M. M. Alfabetização, letramento e a política de avaliação diagnóstica no Brasil. In: Edwiges Zaccur. (Org.). **Alfabetização e letramento: o que muda quando muda o nome?**. 1ed. Rio de Janeiro: Rovel, 2011, v. 1, p. 171-192.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 1985, (23 ed)

SILVA, D. C. ; GONTIJO, C. M. M. Proposta curricular e avaliação da alfabetização no Espírito Santo. **Linhas Críticas** (online), v. 26, p. 1-19, 2020.

SILVA, D. C; GONTIJO, C. M. M. **Alfabetização no Espírito Santo (1946 a 1960)**. 1. ed. Vitória: EDUFES, 2014. 146p.

SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, Anped; Autores Associados, Campinas, n.25, p. 5 – 17, 2004.

SOUSA, Bárbara Cristina da Silva. **Parceria Público–Privada na oferta da alfabetização de crianças em distorção idade-série**: Estudo sobre o programa Se Liga do Instituto Ayrton Senna - Estudo sobre programas de aceleração da aprendizagem. Dissertação (Mestrado em Mestrado Em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2019.

TAVARES, Mari Inêz. **Alfabetização e Letramento Científicos**: Discursos produzidos nas Dissertações e Teses (1992-2016). Tese (Doutorado em Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2020.

UNESCO. In: Conceito. De. c2012. Disponível em: **Conceito de UNESCO - O que é, Definição e Significado**. Acesso em: 11 Jan. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Centro de Educação. [Grupo de pesquisa] **Alfabetização, Leitura e Escrita** [Espírito Santo]: Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes, [2020?]. Disponível em: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3424718450016898. Acesso em: 28 Out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Centro de Educação. [Grupo de pesquisa] Alfabetização, Leitura e Escrita. **Linha de Pesquisa**: Educação e Linguagens. [Espírito Santo]: Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes, [2020?]. Disponível em: dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/3424718450016898104058. Acesso em: 28 set. 2021.

ANEXO 1 – Quadro 1

Quadro 1: Relação dos artigos da profª. Dra. Cláudia Gontijo publicados no recorte temporal de 2000/ 2021.

Artigos
GONTIJO, C. M. M.O conceito de apropriação na perspectiva histórico-cultural. Série-Estudos (UCDB) , Campo Grande, p. 45-60, 2001.
GONTIJO, C. M. M.O desenvolvimento da escrita em crianças na fase inicial de alfabetização. Cadernos de Pesquisa em Educação .PPGE/UFES, Vitória, v. 1, n.1, p. 109-129, 2002.
GONTIJO, C. M. M.; LEITE, S. A. S.A escrita como recurso mnemônico na fase inicial de alfabetização escolar: uma análise histórico-cultural. Educação e Sociedade , Campinas, p. 143-167, 2002.
GONTIJO, C. M. M.As crianças e a linguagem escrita. Ciência da Informação , Rio de Janeiro, v. 4, 2003.
GONTIJO, C. M. M.Lembrar: nomes e formas das letras. Série-Estudos (UCDB) , Campo Grande, v. 01, p. 63-78, 2005.
GONTIJO, C. M. M.. Alfabetização e a questão do letramento. Cadernos de Pesquisa em Educação .PPGE/UFES, Vitória, v. 1, p. 42-72, 2005.
GONTIJO, C. M. M.As primeiras escritas de uma criança. Cadernos de Pesquisa em Educação . PPGE/UFES, Vitória, v. 1, n.1, p. 121-138, 2005.
GONTIJO, C. M. M.Alfabetização na prática educativa. Caderno do Professor (Belo Horizonte), v. 1, p. 07-16, 2006.
GONTIJO, C. M. M.O aprendizado da escrita e sua relação com a capacidade de análise de unidades da linguagem oral. Revista Pedagógica (Chapecó), Argos, v. 1, n.1, p. 47-81, 2006.
GONTIJO, C. M. M.As conferências/aulas de Silva Jardim sobre o método João de Deus na província do Espírito Santo (1882). Cadernos de Pesquisa em Educação . PPGE/UFES, Vitória, v. 1, p. 126-123, 2007.
GONTIJO, C. M. M.A alfabetização no Espírito Santo (1882 a 1889). Cadernos de Pesquisa em Educação . PPGE/UFES, Vitória, v. 15, p. 23-48, 2009.
GONTIJO, C. M. M.Apropriação da linguagem, escrita e ensino. Conjectura: filosofia e educação (UCB), v. 14, p. 13-30, 2009.

GONTIJO, C. M. M. Alfabetização no Espírito Santo: o método mútuo ou monitorial. Educar em Revista (Impresso) JCR , v. 1, p. 141-158, 2011.
CÔCO, Dilza; GONTIJO, C. M. M. Leitura e alfabetização. Série-Estudos (UCDB) , v. 1, p. 151-164, 2011.
COSTA, Dania Monteiro de Vieira; GONTIJO, C. M. M. A Linguagem oral como elemento integrante da brincadeira. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas. Impresso), v. 41, p. 268-269, 2011.
GONTIJO, C. M. M. O método do ensino da leitura e da escrita concretizado no método lição de coisas. Educação & Sociedade (Impresso), v. 32, p. 103-120, 2011.
PIFFER, Maristela Gatti; GONTIJO, C. M. M. Práticas de produção de textos. Revista Eletrônica de Educação (São Carlos), v. 5, p. 57-78, 2011.
GONTIJO, C. M. M. Avaliação da alfabetização: Provinha Brasil. Educação e Pesquisa (USP. Impresso), v. 38, p. 603-622, 2012.
GONTIJO, C. M. M. Programas de melhoria da qualidade da alfabetização: leitura crítica. Acta Scientiarum. Education (Print), v. 35, p. 271-282, 2013.
GONTIJO, C. M. M. Educação. Brasil em Números (Edição em Inglês. Impresso), v. 21, p. 117-136, 2013.
GONTIJO, CLÁUDIA MARIA MENDES. Alfabetização no ciclo inicial do ensino fundamental de nove anos: reflexões sobre as proposições do Ministério da Educação. Cadernos CEDES (Impresso), v. 33, p. 35-49, 2013.
GONTIJO, C. M. M.; CAMPOS, Dulcinéa. Bases nacionais para o ensino da leitura e da linguagem na escola primária (1949). Revista Brasileira de Educação , v. 19, p. 307-328, 2014.
GONTIJO, C. M. M.; SCHWARTZ, Cleonara Maria. Considerações sobre o ensino da leitura e a aprendizagem da escrita. Revista Brasileira de Alfabetização , v. 1, p. 39-58, 2015.
CÔCO, DILZA; GONTIJO, CLÁUDIA MARIA MENDES. Avaliação externa nas classes de alfabetização no Espírito Santo. Pró - Posições (UNICAMP. ONLINE), v. 28, p. 63-87, 2017.
GONTIJO, CLÁUDIA MARIA MENDES; GÖES, MARGARETE SACTH. Produção de textos com crianças na educação infantil. Revista Educação (PUCRS. ONLINE), v. 40, p.

209-218, 2017.
Costa, D. M. V. ; GONTIJO, C. M. M. Produção de textos e processo inicial de alfabetização. ACTA SCIENTIARUM. EDUCATION (ONLINE) , v. 39, p. 421-430, 2017.
GOES, M. S.; GONTIJO, C. M. M. Relações entre desenho e escrita no processo de produção textual. EDUCACAO UNISINOS (ONLINE) , v. 21, p. 223-232, 2017.
RODRIGUES, EDNALVA GUTIERREZ; GONTIJO, CLÁUDIA MARIA MENDES. Descentralização da educação de surdos no Brasil e seus desdobramentos no Espírito Santo. Educação e Pesquisa - Revista da Faculdade de Educação da USP , v. 43, p. 229-243, 2017.
GONTIJO, C. M. M.; SILVA, D. C. Ações adotadas no Espírito Santo para vencer a repetência nas classes de alfabetização (1960-1970). Revista Brasileira de Educação , v. 24, p. 1-22, 2019.
SILVA, D. C. ; GONTIJO, C. M. M. Proposta curricular e avaliação da alfabetização no Espírito Santo. Linhas Críticas (online) , v. 26, p. 1-19, 2020.
GONTIJO, CLÁUDIA MARIA MENDES; COSTA, DANIA MONTEIRO VIEIRA; PEROVANO, NAYARA SANTOS. Alfabetização na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Pró- Posições (UNICAMP. ONLINE) , v. 31, p. 1-21, 2020.
GONTIJO, C. M. M.; Antunes, Janaina Silva Costa. Diálogos com o Plano Nacional de Alfabetização (2019): Contrapalavras. Revista Brasileira de Alfabetização , v. 1, p. 32-38, 2020.
RODRIGUES, EDNALVA GUTIERREZ; GONTIJO, CLÁUDIA MARIA MENDES; DRAGO, ROGÉRIO. Formação de Professores e Métodos de Ensino para Crianças Surdas. Revista Brasileira de Educação Especial , v. 26, p. 143-158, 2020.

Fonte: Quadro elaborado pela própria autora do Trabalho de Conclusão de Curso.

ANEXO 2 – Quadro 2

Quadro 2: Relação dos livros da Profa. Dra. Cláudia Gontijo publicados no recorte temporal de 2000/2021.

Livros
GONTIJO, C. M. M. O processo de alfabetização: novas contribuições. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2002. v. 1. 143p.
GONTIJO, C. M. M. Alfabetização: a criança e a linguagem escrita. 1. ed. Campinas: Editora e Autores Associados, 2003. v. 1. 155p .
GONTIJO, C. M. M. Alfabetização. 1. ed. Vitória: Núcleo de Educação Aberta e a Distância, UFES, 2004. v. 1. 88p.
GONTIJO, C. M. M. A escrita infantil. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2008. v. 1. 208p.
GONTIJO, C. M. M.; GOMES, S.C. Escola primária e ensino da leitura e da escrita (alfabetização) no Espírito Santo (1870 a 1930). 1. ed. Vitória: EDUFES, 2013. v. 1. 242p.
GONTIJO, C. M. M. Alfabetização: políticas mundiais e movimentos nacionais. 1. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2014. 145p.
SILVA, D. C; GONTIJO, C. M. M. Alfabetização no Espírito Santo (1946 a 1960). 1. ed. Vitória: EDUFES, 2014. 146p.

Fonte: Quadro elaborado pela própria autora do Trabalho de Conclusão de Curso.

ANEXO 3 – Quadro 3

Quadro 3: Relação dos capítulos de livros da profa. Dra. Cláudia Gontijo publicados no recorte temporal de 2000 / 2021.

Capítulos de Livros
GONTIJO, C. M. M. A apropriação da linguagem escrita. In: Sérgio Antônio da Silva Leite. (Org.). Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas escolares. 1ed. Campinas: Komedi, 2001, v. , p. 99-128.
GONTIJO, C. M. M. Problemas ligados à avaliação escolar e soluções possíveis. In: Eliza Bartolozzi Ferreira. (Org.). Política educacional do estado do Espírito Santo. 1ed. Vitória: SEEB/SEDU, 2004, v. 1, p. 198-220.
GONTIJO, C. M. M.; GOMES, Sílvia Cunha. Educação primária, métodos de ensino e os livros de leitura no Espírito Santo (1890 a 1930). In: Cleonara Maria Schwartz; Eliane Perez; Isabel Cristina Alves da Silva Frade. (Org.). Estudos de História da alfabetização e da leitura na escola. 1ed. Vitória: EDUFES, 2009, v. 1, p. 253-290.
GONTIJO, C. M. M.; CAMPOS, Dulcinéa. Elementos para pensar a pesquisa em educação. In: Grupo Linguagem Interação e Conhecimento. (Org.). A responsividade Bakhtiniana na educação, na estética e na política. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011, v. 1, p. 89-92.
GONTIJO, C. M. M.; SCHWARTZ, Cleonara Maria. Estudos sobre a história da alfabetização e do ensino da leitura no Espírito Santo. In: Maria do Rosário Longo Mortatti. (Org.). História da alfabetização no Brasil: história da sua história. 1ed. Marília, SP: Oficina Universitária, 2011, v. 1, p. 155-176.
SCHWARTZ, Cleonara Maria ; GONTIJO, C. M. M. Alfabetização, letramento e a política de avaliação diagnóstica no Brasil. In: Edwiges Zaccur. (Org.). Alfabetização e letramento: o que muda quando muda o nome?. 1ed. Rio de Janeiro: Rovelte, 2011, v. 1, p. 171-192.
GONTIJO, C. M. M.; SCHWARTZ, Cleonara Maria. (Des)caminhos da alfabetização no Brasil. In: Edwiges Zaccur. (Org.). Alfabetização e letramento: o que muda quando muda o nome?. 1ed. Rio de Janeiro: Rovelte, 2011, v. 1, p. 33-50.

GONTIJO, CLÁUDIA MARIA MENDES. Questões sobre metodologia de pesquisa. In: Bernd Fichtner; ErineuFoerste; Marcelo Lima; Gerda MargitSchütz-Foerste. (Org.). **Cultura dialética e hegemonia: pesquisas em educação**. 1ed.Vitória: EDUFES, 2012, v. 1, p. 251-282.

GONTIJO, C. M. M.Dimensão política da alfabetização. In: Ana Lúcia Horta Nogueira; Adriana Lia Frizman de Laplane. (Org.). **Leitores e leituras: explorando as dobras do (im)possível**. 1ed.Campinas: Leitura crítica, 2017, v. 1, p. 183-204.

GONTIJO, C. M. M.; COSTA, Dania Monteiro de Vieira. Apontamentos sobre o livro A criança na fase inicial de escrita: a alfabetização como processo discursivo. In: Cecilia M. A. Goulart; Cláudia Maria Mendes Gontijo; Norma Sandra de A. Ferreira. (Org.). **Alfabetização como processo discursivo: 30 anos de a criança na fase inicial de escrita**. 1ed.São Paulo: Cortez Editora, 2017, v. 1, p. 85-98.

GONTIJO, C. M. M.; COSTA, D. V. M.; Oliveira, Luciana Domingos de. Conceito de alfabetização e formação de docentes. In: Margarete Sácht Góes; Janaína Silva Costa Antunes; Dania Monteiro Vieira Costa. (Org.). **Experiências de formação de professores alfabetizadores**. 1ed.São Carlos: Pedro & João, 2019, v. 1, p. 15-46.

Fonte: Quadro elaborado pela própria autora do Trabalho de Conclusão de Curso.

ANEXO 4 – Quadro 5

Quadro 5 : Autores, títulos e resumos de dissertações e teses do grupo de pesquisa *Alfabetização, Leitura e Escrita*, coordenado pela profa. Dra. Cláudia Gontijo.

Autor/a	Título	Resumo
Dissertações		
Ana Paula Rocha Endlich	Diálogos sobre a alfabetização, a leitura e a escrita no Programa Provinha Brasil. 2014. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.	Esta pesquisa documental analisa as concepções de alfabetização, leitura e escrita subjacentes à Provinha Brasil no período 2008-2012 e o panorama em que esse programa de avaliação é produzido. Parte do referencial bakhtiniano e do conceito de alfabetização de Gontijo (2008, 2013). Ao tomar a Provinha como gênero do discurso, discute os elos precedentes dentro do contexto de produção dessa avaliação, a autoria do Programa e seus principais destinatários. Constata que a Provinha é criada como resposta às demandas de avaliação da alfabetização provenientes de organismos internacionais como o Banco Mundial e a Organização das Nações Unidas para a Educação (Unesco). A avaliação é elaborada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) como órgão que coordena as avaliações no País, em colaboração com pesquisadores de universidades e de organizações da sociedade civil, para demonstrar confiabilidade científica aliada à participação democrática no processo de produção. Seus principais destinatários são gestores de Secretarias de Educação e professores. Aos primeiros, cabe aderir ao programa de avaliação e tomar medidas administrativas para sua operacionalização nas redes. Os docentes têm o papel central de seguir as orientações do material e reorganizar sua prática em função de melhorias nos desempenhos das crianças no teste.

		<p>Estas, por sua vez, são desconsideradas como sujeitos de dizeres e é legitimado um discurso homogeneizador sobre seu desenvolvimento. A partir dos testes aplicados e das matrizes de referência e seus eixos, a pesquisa analisa como a diferenciação teórica entre alfabetização e letramento se concretiza na organização das provas. A alfabetização, entendida como apropriação do sistema de escrita, é avaliada no primeiro eixo do teste principalmente como identificação de unidades menores da língua, como letras, sílabas e fonemas. As habilidades de leitura, ligadas ao letramento como concebido nos pressupostos do programa, são aferidas ora como decodificação de palavras e frases descontextualizadas, ora como apreensão de significado predeterminado do texto. A escrita somente é avaliada no ano de 2008 e por meio de itens que solicitavam codificação de palavras e frases ditadas pelo aplicador. Desse modo, a Provinha Brasil contribui para a subtração das potencialidades políticas e transformadoras do aprendizado da língua materna no País.</p> <p>Palavras- chave: Provinha Brasil. Alfabetização. Leitura. Escrita</p>
Luiz Costa Ferreira	<p>Concepções de alfabetização, leitura e escrita que ancoram o Projeto Trilhas. 2014. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo. Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.</p>	<p>Este trabalho tem como objeto de estudo os impressos do Projeto Trilhas, material pedagógico produzido em parceria entre o Instituto Natura, a Comunidade Educativa CEDAC e o Ministério da Educação. Trata-se de uma análise documental com as quais se procurou envolver as noções de enunciado, texto, gênero e suporte que possibilitaram fundamentar a proposta metodológica, pautada pelo diálogo, que teve como escopo problematizar como esse conjunto de materiais pode contribuir no processo do ensino e da aprendizagem das crianças matriculadas nas turmas do primeiro ano do Ensino Fundamental, com foco na análise das concepções de alfabetização, leitura e escrita, engendradas nos materiais. Para</p>

		<p>isso, o referencial teórico que balizou as reflexões se fundamentou nas contribuições da perspectiva bakhtiniana de linguagem e lançou ancoragens no conceito de alfabetização proposto criticamente por Gontijo (2008). As análises se constituíram como uma arena, isto é, um palco de alteridade. Logo, buscaram compreender como o conceito e as concepções se materializaram nas atividades produzidas pelos sujeitos-autores e problematizaram como os impressos do Projeto Trilhas podem contribuir para a melhoria do ensino e da aprendizagem das crianças matriculadas no primeiro ano do Ensino Fundamental. Com as análises, sustenta-se que o conceito que solidifica a constituição dos impressos deste projeto se aproxima das contribuições de Ferreiro e Teberosky (1999), isto é, a alfabetização é o processo pelo qual as crianças assimilam o código escrito e compreende os usos que são dados a ele nas culturas do escrito. A leitura se configurou como decodificação dos signos linguísticos e compreensão de significados, e a escrita como codificação</p> <p>Palavras-chave: Provinha Brasil. Alfabetização. Leitura. Escrita</p>
<p>Nayara Santos Perovano</p>	<p>Proposta pedagógica do programa Alfa e Beto de Alfabetização. 2019. Dissertação (Mestrado em Mestrado Em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.</p>	<p>Este texto apresenta os resultados da pesquisa cuja finalidade foi compreender a proposta pedagógica concretizada nos livros do programa Alfa e Beto de Alfabetização dirigidos aos docentes e às crianças do 1o ano do ensino fundamental, publicados no ano de 2004. Analisa crítica e responsivamente textos contidos em um conjunto de 12 livros produzidos pelo programa, tendo como aporte teórico- metodológico a perspectiva bakhtiniana de linguagem. Adota uma abordagem metodológica de caráter qualitativo, de cunho documental, compreendendo os documentos produzidos pelo programa Alfa e Beto de Alfabetização, objeto do</p>

		<p>estudo, como texto/enunciado. Primeiramente, busca compreender o contexto de produção dos livros desse programa, procurando dialogar, principalmente, com o relatório Alfabetização infantil: os novos caminhos, primeiro documento oficial que propõe a necessidade de revisão do conceito de alfabetização adotado no âmbito das políticas de alfabetização no Brasil, assim como as concepções de linguagem, sujeitos e de alfabetização vinculadas ao programa. Conclui que a proposta pedagógica do programa Alfa e Beto de Alfabetização, apesar de seu texto afirmar que está ancorado em bases científicas modernas e eficazes, na prática, reduz a linguagem escrita a um código e os sujeitos a meros receptores passivos.</p> <p>Palavras-chave: Programa Alfa e Beto de Alfabetização. Método metafônico. Alfabetização. Proposta pedagógica.</p>
Bárbara Cristina da Silva Sousa	<p>Parceria público – privada na oferta da alfabetização de crianças em distorção idade – série: Estudo sobre o programa Se Liga do Instituto Ayrton Senna. Estudo sobre programas de aceleração da aprendizagem. 2019. Dissertação (Mestrado em Mestrado Em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, . Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.</p>	Resumo não encontrado.
TESES		
Dânia Vieira de Monteiro Costa	<p>A escrita para o outro no processo de alfabetização. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.</p>	<p>Este trabalho integra estudos desenvolvidos no campo da linguagem, numa abordagem enunciativo-discursiva, pela linha de pesquisa Educação e Linguagens, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Trata de um estudo de caso que tem por</p>

		<p>objetivo discutir a seguinte tese: no processo inicial da alfabetização, as crianças escrevem textos para dialogar com o outro. Foi realizado numa instituição de Ensino Fundamental do Sistema Municipal de Vila Velha/ES. Fundamenta-se na abordagem bakhtiniana de linguagem, particularmente na noção de enunciado discutida por Bakhtin e nas contribuições de Vigotski sobre a relação entre desenvolvimento e aprendizagem, postulando que a aprendizagem da linguagem escrita não se assenta sobre processos que devem estar maduros na criança, pois é no decorrer dessa aprendizagem que esses processos se constituem. Compreende que o domínio das habilidades de ler e escrever não é requisito para a produção de textos, mas é por meio da produção de textos que as crianças se apropriam da linguagem escrita na sua totalidade: como forma e como discurso. Analisa os textos produzidos pelas crianças, na escola, a partir dos interlocutores escolhidos por elas, constituindo as seguintes categorias: na primeira, denominada A escrita para o outro: a emergência de um interlocutor, analisa um evento no qual ocorre um diálogo com as crianças sobre a possibilidade de escrever para um personagem dos contos de fadas; na segunda, intitulada A escrita para o outro: o diálogo com a família, faz análise de eventos nos quais as crianças escreveram para parentes (mãe, pai, avós, tios, primos e outros); na terceira e última categoria, A escrita para o outro: o diálogo com os colegas, discute os textos produzidos para seus colegas. Conclui que as crianças, ao escreverem para se comunicar com o outro, realizam seus projetos discursivos por meio da escrita de enunciados carregados de suas histórias de vida, seus conflitos, afetos e desejos. Nesse contexto, as crianças também dialogam a respeito de suas ideias sobre o sistema de escrita, realizando, assim, uma reflexão sobre os aspectos discursivos e linguísticos da linguagem</p>
--	--	--

		<p>escrita.</p> <p>Palavras-chave: Alfabetização. Textos. Crianças. Educação infantil. Formação de professores.</p>
Dulcinéa Campos	<p>Alfabetização de crianças no Espírito Santo em tempos de ditadura militar. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.</p>	<p>Trata de uma pesquisa que buscou analisar as experiências históricas da alfabetização ocorridas no Espírito Santo, no período que esteve sob a égide do Regime Militar. Essas experiências envolvem todas as iniciativas em forma de programas, projetos, produções de materiais e atividades na área da alfabetização, tanto por parte do Governo, quanto por parte da escola. A partir da perspectiva histórico-cultural e crítica, baseou-se no método dialógico de Mikhail Bakhtin. Outros autores participaram do diálogo que culminou neste trabalho. Para a realização das análises, reuniu documentos das mais variadas fontes, como: entrevistas; correspondências expedidas e recebidas pela Secretaria de Estado da Educação e da escola; diários de classe; fichas de resultados finais de alunos; legislações federal e estadual; registros escritos de professores; fichas avaliativas de professor; cartilhas; planos de aplicação de Governo; relatórios de Governos; termos de visita de Inspetores Escolares etc. As análises das fontes revelou que, durante as décadas de 1960, 1970 e 1980, as ações empreendidas na alfabetização destinavam-se a corrigir o problema da falta de vagas para alunos em idade escolar, do elevado índice de reprovação que gerava a distorção idade-série e da evasão escolar. Conclui que, mesmo percorrendo três décadas em torno da resolução de uma mesma problemática, a situação se manteve com o mesmo agravante inicial: vagas escolares insuficientes para todas as crianças, elevado índice de reprovação e evasão escolar. Desse modo, este trabalho instiga a repensar novas formas possíveis de pensar e fazer a alfabetização.</p> <p>Palavras-chave: Alfabetização.</p>

		Ditadura Militar. História da alfabetização.
Margarete Sacht Góes	As relações entre desenho e escrita no processo de apropriação da linguagem. 2014. Tese (Doutorado em Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.	<p>Este trabalho se constitui a partir dos estudos realizados na linha de pesquisa Educação e Linguagens, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Adota uma abordagem sócio-histórica para a investigação qualitativa no campo das Ciências Humanas e tem por objetivo investigar as relações entre desenho e escrita elaboradas por crianças de quatro anos de idade que frequentavam uma instituição de educação infantil. Para a análise dos dados produzidos, toma por base os pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin, a partir da perspectiva enunciativo-discursiva, cuja abordagem de linguagem ajuda a compreender o desenho e a escrita em sua dimensão discursiva, como enunciação. Com base nos processos observados nas relações ensino-aprendizagem e na interação verbal entre os sujeitos da pesquisa, seleciona, para a primeira parte do estudo, situações de ensino-aprendizagem vivenciadas pelas crianças e pela professora na sala de atividades. Na segunda parte das análises, seleciona produções realizadas para interlocutores reais e imaginários e finaliza com a análise de dados, inferindo que a distinção entre desenho e escrita é uma construção escolar, sustentando, desse modo, a tese de que as diferentes linguagens mantêm relações entre si no curso do processo de apropriação da linguagem escrita e essa coexistência permite a ampliação da imaginação criadora, a produção de marcas singulares e idiossincráticas nos textos produzidos pelas crianças, além de proporcionar uma compreensão de como as crianças se constituem no mundo.</p> <p>Palavras-chave: Desenho. Dialogismo. Educação de crianças. Escrita. Linguagem.</p>
Ednalva Gutierrez	A alfabetização de surdos na	Este trabalho integra um grupo de

Rodrigues	<p>história do Espírito Santo. 2014. Tese (Doutorado em Doutorado) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.</p>	<p>pesquisas desenvolvidas pela linha de pesquisa Educação e Linguagens, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. Trata de uma pesquisa histórica que tem por objetivo investigar a história da alfabetização de surdos no Espírito Santo, nas décadas de 1950 a 1970, a partir da tese inicial de que a educação/alfabetização de crianças surdas, no Espírito Santo, nesse período, tinha por finalidade ensinar a língua nacional, por meio da oralização, tendo em vista o projeto desenvolvimentista adotado pelo então Presidente da República, Juscelino Kubistchek. Fundamenta-se nas concepções de Marc Bloch (2001), ao considerar a História como a ciência dos homens no tempo, com o objetivo de compreender a ação humana, de acordo com as condições históricas de sua época, e nas contribuições da concepção bakhtiniana de linguagem, em especial, no conceito de texto como enunciado, considerando que cada texto/documento traz em seu bojo uma história vivida por sujeitos em dado contexto social e histórico. Nessa direção, a partir da análise de documentos escolares, textos jornalísticos, cartilhas, materiais pedagógicos e documentos oficiais, o trabalho se estruturou no sentido de conhecer o contexto nacional que deu origem às primeiras iniciativas de descentralização na educação de surdos, culminando com a criação de salas especiais em vários Estados brasileiros, incluindo o Espírito Santo. As repercussões, em âmbito local, foram analisadas a partir de dois eixos. No primeiro, focalizaram os aspectos políticos, evidenciando que a desresponsabilização do Poder Público facilitou a parceria entre a esfera pública e a esfera privada na configuração das classes especiais, dentro das escolas comuns. No segundo, destacaram que o Método Oral e o Método Perdoncini, que fundamentaram o processo de</p>
-----------	---	--

		<p>alfabetização e que tinham como finalidade ensinar a língua oficial do País, na modalidade oral, dialogaram com as concepções pedagógicas e psicológicas da época, tornando o processo claramente escolar. Conclui que o período foi marcado por um projeto educacional consistente e coerente com os postulados da época, tendo na ação responsável e polifônica da professora Álpia Couto-Lenzi a sua principal interlocutora.</p> <p>Palavras-chave: Alfabetização. Oralização. Língua Nacional</p>
Dilza Côco	<p>Avaliação da alfabetização: o PAEBS-Alfa no Espírito Santo. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.</p>	<p>Este trabalho integra estudos desenvolvidos pela linha de pesquisa Educação e Linguagens (verbal), do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, estruturada na modalidade estudo de caso, que tem como temática a avaliação externa na alfabetização. Focaliza o Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo – Alfabetização (Paebes-Alfa), a partir de fontes documentais e de ações de avaliação externa da área de Língua Portuguesa, realizadas em salas de aula de 1º e 2º anos do ensino fundamental, do Sistema Municipal de Ensino da Serra/ES. O objetivo do estudo é compreender sentidos produzidos para essa avaliação no contexto das práticas de alfabetização. A pesquisa parte da premissa de que avaliações externas têm produzido a ideia de melhoria da qualidade da educação pela via do esvaziamento dos currículos escolares, ou seja, pela negação às classes populares de conhecimentos essenciais para sua formação cidadã. Para cotejar essa tese, são desenvolvidas análises fundamentadas em contribuições teóricas da perspectiva discursiva de linguagem, propostas pelo círculo de Bakhtin, e em conceitos da área da Sociologia das Políticas, defendidos por Stephen J. Ball. Essas análises estão organizadas em dois eixos de discussão.</p>

		<p>No primeiro, são explorados conteúdos discursivos de documentos do programa, publicados no ano de 2012, período de realização do trabalho de campo da pesquisa, endereçados aos profissionais vinculados às escolas, como dois manuais de aplicação de provas, três revistas direcionadas aos gestores e outras três revistas, cujo auditório social privilegiado são os professores. No segundo eixo de discussão, são analisados textos (orais e escritos) produzidos por sujeitos envolvidos com o trabalho de alfabetização realizado nas escolas, como diretores, pedagogos, professores e crianças que vivenciam eventos da avaliação do Paebes-Alfa. As análises desenvolvidas a partir desses dois eixos de discussão concluem que o Paebes-Alfa veicula concepções restritas de avaliação, de linguagem e de alfabetização, especialmente por privilegiar conhecimentos da dimensão linguística do processo de apropriação da língua materna, desconsiderando aspectos da dimensão discursiva da linguagem.</p> <p>Palavras-chave: Alfabetização. Avaliação Educacional. Leitura. Escrita.</p>
SheniaD'arcVenturim Cornélio	<p>Perspectiva do Letramento: Mudanças e Permanências nos Livros Didáticos de Alfabetização. 2015. Tese (Doutorado em Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.</p>	<p>Esta tese de doutoramento integra um conjunto de produções acadêmicas desenvolvidas no campo da linguagem, numa abordagem enunciativo-discursiva, pela linha de pesquisa Educação e Linguagens, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Trata-se de um estudo documental, pautado pela perspectiva dialógica, que tem por objetivo compreender mudanças e/ou permanências nas propostas dos livros didáticos de alfabetização com a adoção da perspectiva do letramento como norteadora das políticas de alfabetização em nível federal. Fundamenta-se na abordagem bakhtiniana de linguagem, particularmente na noção de enunciado</p>

		<p>discutida por Bakhtin, postulando que os enunciados são reais na cadeia da comunicação que são determinados pelos diferentes campos das atividades humanas. Realiza estudo dos PNLDs 2007 e 2010, análise dos editais, dos Guias de livros didáticos, das obras mais e menos distribuídas pelo Ministério da Educação e dos Manuais dos professores dos respectivos programas. As análises permitiram a identificação de mudanças no livro didático menos distribuído do método silábico e no mais distribuído do método analítico. Ambos os livros partem de textos para a realização de um trabalho com as relações sons e letras e letras sons e para o ensino de conhecimentos sobre o sistema de escrita, havendo diferenças no modo como organizam o ensino, de forma sistemática e assistemática. Outro aspecto observado é a busca de conciliação de princípios teóricos distintos para a organização das propostas de alfabetização.</p> <p>Palavras-chave: Livros didáticos de alfabetização. Programa Nacional do Livro Didático – PNLDs 2007 e 2010. Enunciação. Alfabetização. Letramento</p>
Janaina Silva Costa Antunes	<p>Um olhar sobre o pró-letramento. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.</p>	<p>Este trabalho compõe uma série de estudos produzidos na linha de pesquisa Educação e Linguagens do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, com a finalidade de analisar as políticas de alfabetização implementadas nos anos 2000 pelo Governo Federal. Busca, especificamente, compreender os conceitos de alfabetização e de letramento que ancoram o Programa Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental, com ênfase na análise do currículo e da avaliação diagnóstica propostos. Parte da tese de que, mesmo que a alfabetização e o letramento tenham sido apresentados como processos indissociáveis, o programa</p>

		<p>ênfata com mais intensidade aspectos relacionados com a apropriação do sistema de escrita, ou seja, a alfabetização, tanto no currículo como na avaliação diagnóstica. Toma como referencial teórico e metodológico os pressupostos bakhtinianos no campo da filosofia da linguagem. Conclui que o currículo e a avaliação da aprendizagem propostos no programa, para a alfabetização e o letramento inicial das crianças, são orientados por conceitos diversos de alfabetização, enfatizando aspectos associados a este processo.</p> <p>Palavras-chave: Formação de professores. Pró-Letramento. Alfabetização. Letramento. Currículo. Avaliação</p>
KairaWalbiane Couto Costa	<p>Cadernos de formação do Pnaic em Língua Portuguesa: concepções de alfabetização e de letramento. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, . Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.</p>	<p>Os resultados da pesquisa analisados neste relatório partem de um estudo cuja finalidade foi compreender os conceitos de alfabetização e de letramento que balizam a formação de professores alfabetizadores no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic). A pesquisa partiu da tese de que, apesar de a perspectiva do letramento adotada na formação postular a indissociabilidade entre alfabetização e letramento, o programa aponta, por meio de suas propostas, para a dissociação entre esses processos, com ênfase na alfabetização como aquisição do código escrito. Foram analisados os cadernos de formação do Pnaic da área de linguagem, distribuídos pelo Ministério da Educação (MEC), no ano de 2013. A metodologia utilizada foi a documental. Para a análise dos cadernos, dialogou-se com os pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin e seu círculo, bem como com os estudos que se reportam à perspectiva de pesquisa de base histórico-cultural. Conclui que, a despeito de a formação postular a indissociabilidade entre os processos de alfabetização e letramento, os textos orientadores, os relatos de experiências das professoras, as formas de avaliação apontam uma dissociação entre esses</p>

		<p>processos, enfatizando a alfabetização como aquisição do código escrito.</p> <p>Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Pnaic. Construtivismo.</p>
<p>Fabricia Pereira De Oliveira Dias</p>	<p>O projeto principal de educação para a América Latina e o Caribe (1980 – 2000) e a alfabetização de crianças. 2019. Tese (Doutorado em Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.</p>	<p>Pretende-se compreender, no Projeto Principal de Educação para a América Latina e o Caribe (PPE), os consensos pactuados pelos países da região, especificamente os destinados à alfabetização de crianças. Investigam-se os encaminhamentos direcionados à apropriação da leitura e da escrita pelas crianças, que atravessaram as metas estabelecidas pelo PPE (1980-2000). Para isso, examinam-se, crítico responsivamente, 50 Boletins produzidos pela Unesco na vigência do projeto, por meio da análise documental como metodologia de pesquisa e da perspectiva bakhtiniana de linguagem como aporte teórico-metodológico. Nesse diálogo, as ideias arendtianas de política associam-se aos posicionamentos críticos de diferentes autores. Primeiramente, o estudo contempla as configurações dos suportes que compõem o corpus analítico, seus autores, seus destinatários e, posteriormente, a natureza das enunciações registradas nesses documentos. Evidencia a composição objetiva dos Boletins, pretensamente neutra e imparcial, e infere que tais características reforçam a suposta isenção de interesses da Unesco. Demonstra ainda, no entendimento ativo-responsivo dos enunciados presentes nos Boletins, que alguns apontamentos dirigidos à alfabetização infantil foram mais reiterados e organizaram uma trama discursiva que reforçou determinados assuntos em detrimento de outros. Visibiliza algumas vozes dissonantes que não foram assumidas nos acordos estabelecidos. A maior preocupação, no que se refere à alfabetização infantil, foi a reprovação escolar nos primeiros anos de escolarização primária, problema analisado a partir de uma perspectiva economicista e circunscrita à esfera</p>

		<p>educativa. Conclui-se que a conformação objetiva dos documentos e a reiteração de algumas enunciações garantiram a produção de acordos sobre a alfabetização infantil e revelaram os Boletins como uma ferramenta estratégica para a “fabricação” de consensos.</p> <p>Palavras-chaves: Projeto Principal de Educação para a América Latina e o Caribe. Alfabetização infantil. Consenso. Unesco. Políticas de alfabetização.</p>
<p>Ana Paula Rocha Endlich</p>	<p>Os discursos da Unesco e a avaliação infantil na América Latina e o Caribe (1980-2012): diálogo com o contexto brasileiro. 2019. Tese (Doutorado em Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, . Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.</p>	<p>Relatório de pesquisa cujo objetivo geral é compreender, ativa e responsivamente, os discursos da Unesco, no período 1980-2012, em prol da avaliação da alfabetização, e como eles dialogam com o contexto brasileiro. Parte de referencial teórico bakhtiniano e considera os enunciados como elos de uma corrente discursiva, que só podem ser compreendidos em sua concretude, dentro de uma situação de produção imediata e de um contexto de produção mais amplo. O corpus é composto por documentos publicados pela Organização das Nações Unidas para a Educação (Unesco) no período escolhido, em especial os boletins do Projeto Principal de Educação para América Latina e Caribe (PPE), o texto do Projeto Regional de Educação para a América Latina e o Caribe (Prelac) e as revistas a ele vinculadas. Desenvolve a tese de que os discursos publicados pela Unesco, majoritariamente, são fundamentados em uma concepção de educação como investimento financeiro e de alfabetização como competência fundamental para a formação dos cidadãos desejados pelo mercado. As estratégias de propagação desses discursos foram os eventos promovidos pela Unesco em que os Estados-membros participantes assumiram compromissos em torno de metas condizentes com ideais de organismos internacionais defensores da ordem capitalista. Além desses marcos, os projetos PPE e Prelac objetivaram auxiliar os países na adequação de suas</p>

		<p>políticas educacionais e manter seu discurso educativo em circulação, principalmente junto àqueles que têm papel estratégico na tomada de decisões nos países. As ações efetivadas no Brasil, em termos de avaliação da alfabetização, a partir de seu contexto específico, dialogaram com os enunciados da Unesco que a enalteciam como ferramenta de gestão. Isso se mostra pela implementação de avaliações com periodicidade cada vez menor para aferir o rendimento das crianças. Ademais, o diálogo dos programas brasileiros com as concepções defendidas por esse organismo se revela também na redução que os exames fazem da alfabetização a aspectos mecânicos da leitura e da escrita, com fundamento numa perspectiva técnica e funcional que se distancia de seu potencial crítico e dialógico.</p> <p>Palavras-chave: Avaliação padronizada. Alfabetização. Unesco. América Latina e Caribe</p>
Mari Inêz Tavares	<p>Alfabetização e letramento científicos: Discursos produzidos nas dissertações e teses (1992-2016). 2020. Tese (Doutorado em Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.</p>	<p>Esta tese tem por objetivo mapear dissertações e teses brasileiras produzidas no período de 1992 a 2016, no campo da Educação/Ensino em Ciências, disponíveis na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Cultura (Ibicit), que utilizam conceitos de alfabetização científica e/ou letramento científico, com a finalidade de compreender os temas privilegiados e os sentidos atribuídos a essas expressões nas dissertações e teses. Adota como metodologia a pesquisa bibliográfica e como referencial teórico conceitos que integram a filosofia bakhtiniana de linguagem, assim como a teoria crítica da educação. Demonstra, por meio das análises, que há uma diversidade temática no campo de estudos da alfabetização e letramento científicos e, dessa forma, as teses e dissertações abordam metodologias de ensino no campo da Educação/Ensino em</p>

		<p>Ciências, formação de professores, análise e elaboração de livros e materiais didáticos impressos, educação não formal, argumentação em aulas de ciências, práticas de ensino de ciências, letramento científico, alfabetização científica, divulgação da ciência, inclusão e leitura de textos científicos, mostrando que esse é um campo profícuo para estudo de diferentes temas que afetam o ensino-aprendizagem das ciências. Comprova, conforme reflexões elaboradas, a hipótese de que alfabetização e letramento científicos não são termos adequados para nominar a Educação/Ensino em Ciências e, por isso, defende que as denominações alfabetização científica e letramento científico possam dar lugar à expressão educação para ciência por abranger o que se deseja nominar em termos de reflexões, metodologias e práticas que envolvem o pensar e falar sobre ciências da natureza no campo da educação.</p> <p>Palavras-chave: Alfabetização científica. Letramento Científico. Educação para ciência.</p>
Santiago Daniel Hernandez Piloto	<p>Cinema na escola: Compreendendo as produções de sentido nos textos (orais e escritos) das crianças do ciclo de alfabetização. 2020. Tese (Doutorado em Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo. Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.</p>	Resumo não encontrado.
Monica Cristina Medici da Costa	<p>Diálogos sobre a proposta de formação do Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC). 2021. Tese (Doutorado em Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Cláudia Maria Mendes Gontijo.</p>	Resumo não encontrado.

Fonte: Quadro elaborado pela própria autora do Trabalho de Conclusão de Curso a partir do Repositório Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo disponível em: [RiUfes: Página inicial](#)